



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

VICTOR DA ROCHA SILVA JÚNIOR

**FÉ E POLÍTICA: OS ECOS DA DITADURA MILITAR NAS PRÁTICAS
RELIGIOSAS NA CIDADE DE CUITÉ**

**CAMPINA GRANDE
2023**

VICTOR DA ROCHA SILVA JÚNIOR

**FÉ E POLÍTICA: OS ECOS DA DITADURA MILITAR NAS PRÁTICAS
RELIGIOSAS NA CIDADE DE CUITÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

**CAMPINA GRANDE - PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586f Silva Junior, Victor da Rocha.
Fé e política [manuscrito] : os ecos da ditadura militar nas práticas religiosas na cidade de Cuité / Victor da Rocha Silva Junior. - 2023.
67 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. José Adilson Filho , Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Política. 2. Religião. 3. Cuité - Paraíba. 4. Historiografia.
I. Título

21. ed. CDD 907.2

VICTOR DA ROCHA SILVA JÚNIOR

FÉ E POLÍTICA: OS ECOS DA DITADURA MILITAR NAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NA CIDADE DE CUITÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de História, curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 01/03/2023.

BANCA EXAMINADORA

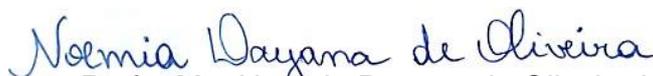


Prof. Dr. José Adilson Filho (Orientador) Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Adauto Guedes Neto

Faculdade de Belo Jardim (FBJ)



Profa. Me. Noêmia Dayana de Oliveira Universidade
Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu avô, José Barbosa de Oliveira (In memoriam), pelas conversas, conselhos, companheirismo e amor, responsável pela formação do meu caráter, dedico.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é um mérito apenas meu, ele é feito por outras mãos, mentes e corações, pessoas que contribuíram direta e indiretamente para que ele fosse possível, desta forma, início esses agradecimentos, com grande alegria e com o coração cheio de afeto.

Agradeço aos meus pais, Víctor e Janayna, que sendo a minha base para a vida, foram duas peças fundamentais na minha formação como pessoa e profissional. Meus pais, que não realizaram o sonho de cursar uma faculdade, realizam esse sonho através de mim, viveram comigo as angústias das noites mal dormidas, e também as felicidades das pequenas conquistas. A vocês que o universo escolheu para meus pais, agradeço por ser os melhores que eu poderia ter, essa conquista também é de vocês.

Aos meus avós Maternos, José Barbosa (In Memoriam) e Ivonete Bezerra, que também são meus pais, agradeço a vocês por tudo, pelo amor que sempre depositaram e pela paciência com que desenvolveram a minha educação. Vovô Zé Berto, gostaria imensamente que o senhor estivesse aqui, mas ainda sei que posso dizer “Vovô, vencemos!”. E a minha Vovó Neta, por ser a minha fortaleza e meu amor, agradeço por todos os conselhos, e pelo cuidado demonstrado em tantos momentos, como nas inúmeras ligações que me fez durante esse período, preocupada se eu estava bem, dormindo e comendo, a senhora é sem dúvidas, a minha grande base de sustentação.

Aos meus avós, paternos José da Silva, e Josefa Juberlita, por nunca deixarem de acreditar em mim, agradeço pelo amor, pelo carinho, e sobretudo pelas orações e boas energias que sempre emanaram para mim, sei que posso contar com elas em todos os momentos de minha vida, obrigado pelo exemplo de força, coragem e sobretudo de fé, por serem pilares de amor e de respeito.

A minha irmã, Tatiana Ellen, que sempre foi minha parceira na vida. Você Tati, que me ensinou a dividir o amor dos meus pais, me ensinou também o que é o amor. Obrigado pelo colo de sempre, por ser umas das pessoas que mais confio no mundo, agradeço por ser a minha menininha, forte e imensa que me ensina todos os dias, com sua alegria e espontaneidade, me fazendo sempre rir e ver o lado bom da vida.

E a todos os meus familiares, que na limitação de cada um, sempre dedicaram um carinho a mim, de uma maneira que sempre me fizeram sentir a força do amor,

agradeço então, aos meus tios, tias, primos e primas, em especial, a minha prima Ludmilla Oliveira, que também sempre se configurou para mim como uma irmã, a quem tenho enorme apreço e carinho, obrigado por me explicar com tamanha paciência as regras ortográficas do Espanhol, bem como, por sua enorme paciência e amor por mim.

Agradeço aos meus queridos amigos, aqueles que na vida, desempenham o papel de cuidado e carinho, Samira, Maria Clara, Àlex, Marine, Junior, Leo, e de uma maneira muito especial, a Dandara Virginia, minha querida companheira, que sempre teve em mim muito cuidado, afeto e atenção, além de inúmeros debates e conversas, ao som dos clássicos da MPB, recheados de cerveja e amor.

A Thiago Albuquerque, que com a força e coragem que enfrenta a vida, me ensinou tantas coisas, e me ajudou em tantas outras. Agradeço pelas conversas e debates sobre pesquisas, e diversos outros assuntos, sou muito grato, por seu carinho e por sua contribuição.

Aos amigos que construí em Campina Grande, neste período de Graduação, por terem feito da universidade um ambiente ainda mais agradável, entre tantos cito Joice Ferraz, Guilhermina Luciana, Hermeson Silas, José Luiz, Thayms Muller, agradeço pelo exercício de afeto, e amizade.

Agradeço imensamente ao NUHLC, (Núcleo de História e Linguagens Contemporâneas), ambiente que fez pesquisador, que gestou em mim a ética a pesquisa histórica, por ser o parâmetro que me ensinou e ensina fazer isso que faço neste trabalho. Também aos amigos que fiz neste núcleo, fundamentais peças na construção do meu eu.

Aos amigos do Azulão, na pessoa do motorista Marcos Dionísio, que com segurança e amizade transporta diariamente os estudantes entre Cuité e Campina Grande, e especialmente aos companheiros do famoso “fundão do azulão”, agradeço a amizade que sempre tiveram comigo.

Também agradeço a todos que contribuíram diretamente para esta pesquisa, aos entrevistados que abriram suas memórias, para contribuir para a construção da História, agradeço ao Museu do Homem do Curimataú, e também ao Atila Almeida, seus funcionários e colaboradores. Agradeço ao Padre João Paulo, pela amizade com que contribuiu para esta pesquisa e confiança em fornecer documentos e arquivos da Paroquia de Cuité.

Agradeço a UEPB, seus funcionários e colaboradores, que contribuem como um meio de conhecimento, também aos queridos das barracas de lanche, que dividem diariamente conosco nossas angústias e felicidades, bem como o grande amigo seu Epitácio, parte diária da rotina de quem estuda no Campus I.

Agradeço aos membros desta banca, por serem para mim, exemplos de profissionais e pesquisadores, Noemia Oliveira e, Adauto Guedes, por suas obras abrirem em mim um universo de possibilidades. De igual forma, agradeço aos mestres que tive durante toda a vida, em especial Tuany Roberta, minha professora de História do ensino médio, por ser a grande inspiração que me fez cursar História, e também aos educadores que tive nesse curso, por todo conhecimento e amor a História que sempre depositaram.

De uma maneira muito especial, agradeço ao meu grande orientador, Professor Adilson Filho, que desde a primeira semana que ingressei neste curso, foi quem me deu régua e compasso para tudo que viria a acontecer. Agradeço o carinho, amizade, e as observações que sempre teve comigo, o senhor é um exemplo para mim, muito obrigado!

Por fim, agradeço a Deus, por ser meu amparo e proteção durante todos os anos. E como sou filho do meu lugar, agradeço a Nossa Senhora das Mercês, o farol divino de eternal fulgor do meu coração, tendo a certeza de quem te ver, grande estrela, pode tudo. Quem tem a Virgem das Mercês por mãe, tem tudo!

A todos, o meu grandioso e feliz obrigado!

*Mas renova-se a esperança
Nova aurora a cada dia
E há que se cuidar do broto
Pra que a vida nos dê flor e fruto*

*Coração de Estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade*

*Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes planta e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé. – Coração
de Estudante, Milton Nascimento.*

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as ambivalências entre a fé e a política, no período da Ditadura Militar, usando como base as ressonâncias dessa dualidade na cidade de Cuité. Dessa forma, analisar como a Igreja Católica passa por dois momentos durante esse período político: o primeiro com as alas conservadoras, que realizam as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, tendo como prática o discurso anticomunista; e o segundo momento, a Igreja progressista, com a influência das conferências de Medellín e Puebla, nas práticas da Teologia da Libertação. Na cidade de Cuité, esta análise passa por duas trajetórias, a do Pe. Boleslau, polonês e conservador, e posteriormente do Pe. Rizzi, adepto da Teologia da Libertação. O aporte teórico deste trabalho, se fixa em diversas pesquisas que analisam a aproximação entre a fé e a política, a exemplo de LOWY (2000); LIBÂNIO (2000); MOTTA (2000); NETO (2014). Além do aporte teórico, a principal metodologia é a História Oral, tendo em vista que este trabalho utiliza a memória de cuitenses, a partir da lembrança daquilo que viveram na relação com os Padres analisados.

Palavras-chave: Fé e política. Anticomunista. Teologia da Libertação. Cuité

ABSTRACT

This work aims to analyze the ambivalences between faith and politics, in the period of the Military Dictatorship, using as a basis the resonances of this duality in the city of Cuité. Thus, to analyze how the Catholic Church goes through two moments during this political period: the first with the conservative wings, which carry out the Marchas da Família com Deus pela Liberdade, having the anticommunist discourse as a practice; and the second moment, the progressive Church, with the influence of the Medellín and Puebla conferences, on the practices of Liberation Theology. In the city of Cuité, this analysis goes through two trajectories, that of Fr. Boleslaus, Polish and conservative, and later Fr. Rizzi, an adherent of Liberation Theology. The theoretical contribution of this work is based on several studies that analyze the approximation between faith and politics, such as LOWY (2000); LIBANIO (2000); MOTTA (2000); NETO (2014). In addition to the theoretical contribution, the main methodology is Oral History, considering that this work uses the memory of cuiteenses, from the memory of what they lived in the relationship with the priest analyzed.

Keywords: Faith and politics. Anticommunist. Liberation Theology. Cuité

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CVII	Concílio Vaticano II
CELAM	Conselho Episcopal latino-Americano
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
TL	Teologia da Libertação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – AS FORMAS DA MEMÓRIA E OS DESAFIOS DA HISTÓRIA- -----	122
2. A MARCHA GOLPISTA E A CELEBRAÇÃO PELO GOLPE-----	25
2.1 <i>A Igreja Católica e o Marxismo</i> -----	28
2.2 <i>As marchas dos conservadores cuitenses</i> -----	33
3. UNIDOS DA ORAÇÃO E NA AÇÃO: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA ATUAÇÃO DO PE. DONATO RIZZI EM CUITÉ. -----	40
3.1 <i>O Aggiornamento da Igreja Católica</i> -----	41
3.2 <i>O Padre Donato e a Igreja dos Pobres</i> -----	48
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	55
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO - AS FORMAS DA MEMÓRIA E OS DESAFIOS DA HISTÓRIA

Gestar a História a partir de memórias é uma tarefa árdua que o historiador assume para um exercício de vida e essa relação de interlocuções, violência e oralidade, é uma das formas de chegar até o objeto de desafio do exercício historiográfico. Dessa forma, esse parto que acontecerá aqui é parte de um objetivo de vida, entrelinhas de uma análise que me atravessa, compondo a história e a subjetividade de quem a escreve.

Dessa forma, a gestação que trabalho, se passa no curimataú¹ paraibano, a mais de 200 km de distância da capital da Paraíba, no alto da serra da Borborema, a cidade de Cuité. Partiremos do viés das ressonâncias entre as relações da fé popular e a política no período da Ditadura Militar, ou seja, a forma como uma influência a execução da outra.

No tocante a fé, dois momentos impulsionam para esse parto: 1) 1964 e as marchas da Família com Deus pela Liberdade; 2) A Igreja progressista, a partir da Teologia da Libertação. Esses dois parâmetros são o fio condutor desse atravessar da cidade de Cuité, entre os anos de 1964 e 1985. Em um primeiro momento, iremos analisar a realização das Marchas, que com seu caráter conservador mobiliza uma grande quantidade de adeptos atingidos pelo discurso da ameaça comunista e apoiam indiretamente aquilo que culmina no golpe civil-Militar de 1964. Na cidade de Cuité, dois momentos marcam a memória de diversos participantes: um, que ocorre quando uma das oligarquias se apresenta aos militares, e outra, com a realização de uma celebração católica para agradecer o “livramento” do Brasil do comunismo..

Certamente esse pensamento político da “ameaça” também pode ser influenciado pelos seguimentos religiosos cristãos católicos, quando diversos documentos papais são publicados ao longo dos anos condicionando o comunismo a uma atividade pecaminosa e condenável. Com a influência da guerra fria², e o poderio econômico estadunidense no ocidente, esse discurso ganha impulso e força, sobretudo na América Latina, com o apogeu de diversos regimes totalitários.

¹ O Curimataú, é uma região do semiárido paraibano

² Guerra fria, é o período da nova ordem mundial, no pós II Guerra Mundial. Esse período fica conhecido devido a dualidade entre Comunismo e Capitalismo, quando as duas grandes potencias (União Soviética e Estados Unidos) disputavam o poderio econômico e militar.

Entendendo que a história não é estática, e que ela passa por diversas transformações, a mudança política da Igreja Católica começa com a realização do Concílio Vaticano II, uma conferência mundial sediada no Vaticano. Entre os principais feitos deste concílio, podemos destacar a mudança no rito de celebração da missa, e a publicação de diversas encíclicas papais, como a *Gaudium et Spes*³.

Acontece que mesmo com essas diversas mudanças, alguns representantes não estavam de acordo com os rumos do Vaticano II, devido a não discussão sobre a situação social, política e econômica da parte “não europeia” da Igreja romana. Realiza-se assim um encontro nas catacumbas de Santa Domitila, onde em uma celebração, assinam um compromisso de pobreza e serviço, vendo o Cristo na figura do pobre e marginalizado. Nasce assim, o conhecido Pacto das Catacumbas. A luz do Vaticano II e sobretudo do Pacto, acontece na América Latina quatro conferências gerais do episcopado latino-americano, para discutir e interpretar os documentos do Concílio: Rio de Janeiro, 1965; Medellín, 1968; Puebla, 1979 e São Domingos, 1992. Dois ganham destaque – Medellín – devido as análises das políticas públicas, sem se afastar do pensamento religioso e Puebla, que é uma reafirmação de Medellín, onde de maneira ousada e ativa, interpreta o Vaticano II entendendo que a fé não basta sem a ação política, é o momento da escolha pelos pobres.

Segundo Michael Lowy, Medellín

não só denunciava as estruturas existentes, acusando-as de terem como base a injustiça, a violação dos direitos fundamentais da população e a violência institucionalizada, mas também afirmava a solidariedade da Igreja com a aspiração do povo à libertação de toda servidão (LOWY, 2000)

É nesse contexto que surge a Teologia da Libertação, que segundo Boff “se cristalizou em Puebla: uma opção preferencial pelos pobres” (BOFF, 1982) que com suas diversas ramificações em toda América, no Brasil desempenha - nas sacristias e nas ruas - um papel social e político. A teologia da Libertação, surge então do confronto entre a pobreza extrema na América Latina, e a fé. Nas

³ Promulgada em 1965, pelo Papa Paulo VI, trabalha a doutrina e a função pastoral da Igreja a partir do Concílio Vaticano II.

palavras de Leonardo Boff, a TL “encontrou seu nascedouro na fé confrontada com a injustiça feita aos pobres” (BOFF. 2010. P. 14).

Nessas circunstâncias, chega a Cuité o Padre Donato Rizzi, nascido no início da década de 1943, no sul da Itália. Pe. Rizzi logo após sua ordenação é enviado para o Brasil, mais especificamente para a Diocese de Campina Grande. Adepto da Teologia da Libertação, ele desenvolve um papel na luta contra o conservadorismo da Ditadura Militar vigente no Brasil, a partir de políticas sociais, devido a conhecida opção preferencial pelos pobres, tomada por parte da igreja Católica nas conferências de Medellín e Puebla.

Dito isto, partiremos para a influência dessas correntes religiosas, nos aspectos políticos do apoio ou não da ditadura militar. O momento em que o conservadorismo da Igreja Católica lida diretamente com os aspectos políticos ligados a pensamentos da direita brasileira, em 1964; e, posteriormente, quando a igreja faz a sua “opção” pelos pobres, e a atuação no campo social. Ainda se faz importante frisar, desde então, que esse viés progressista da igreja Católica, foi uma (enorme) pedra no caminho do conservadorismo, que com frequência, classifica a Teologia da Libertação de deturpada da moral e dos bons costumes de uma parcela conservadora da Igreja.

A História desse período será gestada a partir das memórias coletivas e individuais de partes dessa construção historiográfica, pessoas que viveram, guardaram – ou não – as lembranças desse recorte histórico, trabalhando as peculiaridades da memória, suas dualidades, as formas como tais recordações passam por adaptações, entendendo que são formadas por diversos pontos de vista, e passam por diversos processos, entre eles o esquecimento. Tendo plena consciência de que a Memória é diferente de História, mas que a historiografia conta com os relatos memorialísticos, esse parto acontece a partir da memória dos cuitenses, que viveram como sujeitos de seu tempo, o processo histórico que atravessaremos nesse trabalho.

Ao iniciar as entrevistas com os cuitenses, alguns ausentes e outros ainda moradores da cidade, a primeira cautela para receber aquilo que nos chega pelos sons, era entender o ponto de vista presente na memória de cada um dos que ali demonstravam suas vivências. O mais importante, é que os viventes desse momento, estavam – mesmo com algumas limitações – propensos a falar, e dessa forma, cabe ao pesquisador estar atento, inclusive aos “não ditos” e as formas como cada indivíduo

relata o seu ponto de vista do fato histórico, que por sua vez, carrega pensamentos, afetos, ideologias e posicionamentos sociais.

A memória tem suas peculiaridades, entre elas a imaginação que faz com que quem a relate, faça a partir não apenas de como viveu o momento, mas também referindo-se a visão que teve do fato. Deixaremos mais claro, entre os entrevistados para esta pesquisa, um grupo de jovens – ao qual chamaremos de Juventude do Pe. Donato – que foi estudado, devido ao fato de semanalmente se reunirem com o Pe. Rizzi, para debater assuntos e questões políticas, no ambiente religioso, em plena Ditadura Militar. Trabalhar a memória desses jovens, que atualmente já são senhores e senhoras, é lidar, diretamente com a imaginação, pois envolve sentimentos e afetos e dessa forma, deixo claro que a memória tem uma enorme contribuição na História, porém não é a História. Segundo Márcia Motta:

A história seria, então, uma operação intelectual que, ao criticar as fontes, reconstruí-las à luz de uma teoria, realiza uma interpretação na qual o que importa não é só a noção de um consenso, mas também a do conflito. Nesse sentido, ela não serve para glorificar o passado, pois o que ela realiza, na maioria das vezes, é a deslegitimação de algo construído pela memória, e que muitas vezes permanece escrito, registrado, mantido no presente. (MOTTA, 2012. p. 26).

Ainda assim, é necessário retomar uma discussão: o trabalho com história oral precisa fazer uma distinção entre o fato histórico e como ele é relatado. Diversas pessoas estavam presentes nas Marchas conservadoras de 1964, mas a forma como esse fato irá ser relatado difere entre eles, pois a memória individual não é alicerce para uma memória coletiva, que por sua vez tem suas interseções. Sobre isso, afirma Janaina Amado (1995):

Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. (AMADO, 1995, p. 131).

Esse trabalho é dividido em duas áreas de memórias: 1) a memória dos participantes da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, um movimento que aconteceu em diversas cidades no Brasil, como uma forma de alguns setores da sociedade – inclusive a Igreja Católica – se manifestarem contrários a uma possível intervenção comunista. Na cidade de Cuité, esse movimento foi realizado por duas vezes. A primeira realização, traz consigo um caráter mais religioso que o convencional, é realizada uma celebração no dia do Golpe de 1964. A segunda Marcha, caiu no abismo mais profundo do esquecimento, mas, como sabemos, o esquecimento é como um apagar de um escrito, que até com a melhor de todas as borrachas, deixa algumas marcas. Diversas são as formas como a Marcha de 1964 é relatada, alguns a veem como um livramento do comunismo e das armadilhas do pecado, não chegam sequer a caracterizar 1964 como golpe, e sim como “Revolução”, algo que, na memória de quem o fala, foi algo necessário para o caminho que o Brasil deveria seguir. Para isto, esta pesquisa é feita a partir de entrevistas, e para preservar a identidade dos participantes, nomearemos as entrevistas de participantes, seguido do número da entrevista.

A outra forma da memória, é a negação, o expurgo aquele movimento. Alguns caracterizam sua participação como uma "obrigatoriedade" de uma das escolas, que tirou todos os seus alunos para o evento "patriótico", que aconteceu em seu entorno. A primeira realização da marcha, apenas um de todos os entrevistados, dá uma explicação para seu motivo: segundo ele, a Marcha acontece exatamente no dia do Golpe de 64, pois marcou a saída de representantes de uma das oligarquias de Cuité, para apresentar-se como situação a Ditadura Militar, na cidade de Campina Grande. A figura do padre da época, chamado de Boleslau Biernaski⁴ não tem uma parte grande destaque das memórias, ou pelo menos, dos relatos.

O evento que acontece no dia 31 de março de 64, foi a realização de uma missa celebrada em agradecimento pela intervenção, e posteriormente teve discursos na frente da Matriz de políticos, que logo em seguida foram até a cidade de Campina Grande para se apresentarem aos militares. Lembro desse dia, pois fomos retirados da escola para ir participar da marcha. (Participante 1)

⁴ Boleslau Biernaski nasceu em 1916, em Warsóvia na Polônia. Durante a Juventude foi membro do exército Polonês na II Guerra Mundial, e após a tomada do Hitler, fugiu e se dedicou a Igreja. Veio para o Brasil, e ordenou-se Padre. No ano de 1959 foi transferido para Paróquia de Cuité, onde ficou até junho de 1964. Retornou a paróquia em 1965, onde passou alguns meses. Faleceu no ano de 1998, na cidade de Teixeira.

A segunda área da memória, é os relatos e percepções sobre o pe. Rizzi, e a Igreja Católica em seu caráter mais progressista. De maneira unânime, todos os participantes da “juventude do Padre Donato”, o veem como quase herói, uma pessoa que merece todas as reverências, inclusive, alguns o tratam como “grande mestre”, no tocante as referências políticas e sociais.

A memória sobre o momento da igreja que faz a “opção” preferencial pelos pobres, atinge diretamente o emocional de quem fornece a memória para a construção da História, pois esse espaço temporal, marca a vida de cada um, devido as constantes reuniões, organizações de movimentos sociais, e sobretudo pelo medo que sentiam naquele momento, que no exercício da lembrança, revivem novamente: dessa forma, era comumente que nas entrevistas realizadas com a juventude do pe. Rizzi, eles se emocionassem ao falar sobre sua atuação.

Dois pesos, duas medidas. Uma memória em que a percepção do padre é quase esquecida, mas lembram do fato por ser algo extremamente marcante, em outras palavras, lembram o “milagre”, mas esquecem do “santo”; e a outra memória totalmente conservada, envolta em um aformoseamento, onde a a ideia do padre Rizzi, perpassa a Igreja progressista, e transforma-se em afetividade.

Se observa ainda, a forma como a fé está sempre ligada a escolha ou a concepção política. Aos participantes da marcha de 64, a fé estava subjetivada no modo como o indivíduo compreendia aquele movimento como uma reafirmação dos dogmas, e no modo que sua atuação política refletiria na sua vida religiosa. A esse grupo, a figura do Cristo é vista num viés conservador: o Cristo que instituiu uma igreja para ser o parâmetro da moral e dos costumes conservadores, a igreja romana tradicional, efetivada no apoio a dita revolução que livraria o Brasil de um mal considerável para a igreja, o comunismo⁵

Já ao outro grupo, a juventude do Pe. Donato, a fé está concebida na ação. Para a Teologia da Libertação, a qual esse grupo se liga ideologicamente, fé e ação estão arraigadas, ligadas também ao apoio aos necessitados e a atuação política,

⁵ Sobre esse assunto, é importante citar que o Comunismo é visto tradicionalmente como um inimigo da Igreja Católica, diversas encíclicas papais são feitas para condenar o comunismo e seus simpatizantes. Sobre esse assunto ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho"**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

fazendo com que a maioria destes jovens se engajem em partidos, sindicatos e movimentos sociais.

Como eu me projetei pessoalmente, e entrei no mundo político propriamente dito. Me filiei a um partido político e aí fui eleito vereador, e depois disso fui candidato a deputado estadual da região do Curimataú. (...) eu era cria efetivamente da Igreja (Participante 2).

Esse exercício, de acolher a memória, é também um exercício violento⁶, violar as memórias dos cuiteenses para conseguir gestar a História, essa violência consiste em inferir as memórias, dessa forma é necessário que o historiador esteja atento as mudanças e aos pontos de vista, cada um, conta a memória daquilo que entende do fato histórico, ou seja, “as memórias nascem de uma relação consigo mesmo, a História nasce de uma relação com o outro, com a alteridade” (ALBUQUERQUE. 1994, p. 49), por esse motivo que é necessário violar as memórias.

Dito isto, é importante aprofundarmos como a memória contribui nessa gestação que hora se faz, pois. toda memória passa por um processo de enquadramento. Maurice Halbwachs (1990) analisa que a memória do indivíduo é um ponto de vista da memória coletiva, ou seja, as memórias não são convergentes, elas são guardadas a partir de pontos de vista e, por esse motivo que a história é feita ao contrário da memória.

Sobre isso, Amado ao se deparar com uma situação extremamente peculiar, onde um de seus entrevistados conta a memória totalmente divergente dos demais que deram o seu depoimento, o “grande mentiroso” era na verdade um narrador dos fatos históricos a partir de sua ótica, do seu ponto de vista, e por esse motivo se faz necessário, fazer a diferença do que determinado indivíduo viveu, daquilo que ele lembra, ou de como ele recorda os determinados fatos (AMADO. 1995). Sobre essa problemática, retomaremos em momento oportuno.

O que se lembra das ressonâncias da fé na política da ditadura militar, é um exercício também de escolha. É importante levar em consideração o porquê de lembrar-se de algo, e para que se lembra. Partindo para o assunto que nos interessa, os jovens de 1964 – hoje senhores – lembram do episódio da marcha conservadora, em detrimento

⁶ Não devemos com isso, nos amedrontar sobre o termo, temos que ter a consciência de que a história das relações humanas é pautada na violência. Por isso que o próprio Marx apontava que a parteira da História é a violência. Violar, nesse momento, está ligado a uma concepção de inferir, de analisar, ou seja, entender os pontos de vista para poder, enfim, gestar a História.

do total esquecimento de alguns, ou seja, a memória que esse determinado indivíduo guarda, é puramente o seu ponto de vista sobre determinado acontecimento. De forma igual, com a juventude do Pe. Rizzi, recordar a Igreja progressista é um exercício individual, afetivo e, julgo ainda, formador da subjetividade de quem o recorda. Dessa forma, é esse ponto – entre outros – um dos pilares que difere a memória da História, pois a ciência histórica visa uma representação crítica de seu passado. Márcia Motta diz que “ao contrário da memória, a história busca uma representação crítica do passado, o que não elimina, porém, o perigo de o historiador incauto apenas restaurar memórias.” (MOTTA, 1997. P. 26).

Várias são as formas da memória, e de uma maneira mais resumida, ela caminha entre o coletivo e o individual. A memória individual é a forma como determinado indivíduo observa e recorda o seu ponto de vista sobre o fato histórico, e a coletiva é, na verdade, diversas memórias individuais, que é o ponto de interseção do coletivo, aqui é importante fazer a observação que, a memória é parte de um processo de individualização, e não de individualidade, por isso, cada participante tem uma visão, sobre o determinado fato.

Um dos mais notáveis trabalhos sobre a memória coletiva, foi escrito pelo sociólogo francês, Maurice Halbwachs, onde analisa como a memória coletiva é, na verdade parte da lembrança de um grupo social, ou seja, a lembrança é fruto de um processo coletivo, bem como o esquecimento – que trataremos mais adiante. Trazendo para o fato aqui estudado, as memórias e o esquecimento que aqui enfrentamos é parte de uma construção social, a lembrança sobre um dos fatos – A Igreja progressista e o Pe. Rizzi - é forte e contundente, em oposição ao outro, onde apenas um dos entrevistados carrega as lembranças daquele momento histórico e conservador do Brasil.

Essas percepções citadas anteriormente também nos mostram que não existe possibilidade para apenas uma memória coletiva, mas várias. Nas palavras de Motta a “principal qualidade da obra de Halbwachs seja ter apontado que não há apenas uma memória coletiva que se opõe à história, mas sim várias memórias.” (MOTTA, 1997. p.25), dessa forma, há diversas memórias, mas apenas uma história.

Halbwachs, em seu trabalho ainda analisa a necessidade de que a História esteja distante daquilo que se estuda para poder então se tornar uma dita história, pois para ele, trabalhar a memória de algo ainda vivo, seria “inútil fixá-la por escrito,

ou mesmo fixá-la, pura e simplesmente” (Halbwachs, 1990, p. 80). Márcia Motta se contrapõe a isso, segundo ela:

Quaisquer que tenham sido as intenções de Halbwachs, os historiadores têm clareza de que o tempo é uma construção histórica, além de ser vivenciado de modos distintos por diferentes culturas. O tempo linear como condutor do progresso é uma criação da Europa do Iluminismo (Hartog, 1990) e, na prática histórica, ele vai se identificando com a cronologia em uma sucessão de fatos aparentemente coerentes, mas que na verdade são produtos de escolhas do historiador. (MOTTA, 1997.)

Retomando ainda a discussão sobre a memória coletiva e ela estar diretamente ligada a grupos sociais, as entrevistas deixam claro aquilo que em Michel Pollack (1992), é bastante incisivo: a memória passa por dois processos, o primeiro é o elemento vivido, ou seja, o indivíduo passou pelo acontecimento e, agora, traz consigo suas lembranças. Mas ainda existe outro elemento que é o caráter coletivo, isso significa aquilo que não viveu, mas que atravessa sua memória.

Isso é visto de forma clara, quando entrevistando um casal que fez parte da juventude do Pe. Donato, ambos em distintos momentos, atravessavam a conversa por memórias que compartilharam entre si, onde diziam “eu não vivi isso, mas ele sim”, “eu não lembro nada, mas ela me contou que...”, decerto que o compartilhar dessas memórias, cria uma lembrança que não foi vivida, mas é lembrada pelo coletivo.

Dessa forma, Pollack ainda fala em uma memória baseada em personagens, o caso claro da figura do Pe. Donato, que perpassa todas as lembranças da igreja progressista em Cuité. Uma das peculiaridades da memória, consiste justamente no esquecimento, isto é, esquecer também faz parte. MENEZES (1992), afirma que a memória necessita do esquecimento, pois deixando algumas coisas de lado, ela selecionaria aquilo que julga ser mais importante, segundo ele “sem esquecimento, a memória humana é impossível” (MENEZES, 1992), o esquecimento, então é um mecanismo de selecionar as memórias.

Entretanto, o esquecimento não é apenas uma peculiaridade, ele pode ser, também, um mecanismo de grupos sociais, projetos para que determinada mentalidade seja aniquilada daquele agrupamento. Retorno ao fato já citado anteriormente da grande borracha cruzada na memória cuiteense sobre a Marcha da Família com Deus pela liberdade. Duas observações são importantes nesse

momento: a primeira é que ninguém em 1964, tinha em mente o que a história das décadas seguintes iria analisar sobre aquele fato, talvez nem que esse fato seria analisado, fosse uma das pautas da discussão, em meio à euforia de livrar o Brasil. A segunda observação, é que nos anos seguintes ao fim da ditadura militar, e a dispersão de todas as atrocidades, é claro que a memória iria – por um projeto do grupo social – apagar determinados traumas e lembranças ruins.

Obviamente que existem diversas outras explicações para os esquecimentos, nos concentramos aos tratado acima, devido ao interesse da pesquisa, mas tal apagamento faz parte de momentos, e pode acontecer para evitar traumas, como em vítimas de regimes totalitários, ou para esconder uma égide de uma atitude posteriormente problematizada, o que é o caso nesse momento. Para isso, se faz necessário repetir que a história não faz tábula rasa do passado, e de igual modo, não deve esquecer os fatos, mesmo que a memória faça isso.

O esquecimento que fala muito, é uma abordagem que daremos atenção ao promover essa análise, isto é, por qual motivo uma marcha de participação considerável não é mais parte da memória do cuitense? Talvez respondamos esse questionamento a partir da Michael Pollak (1989), onde segundo ele acontece um confronto entre a memória coletiva, e a “memória subterrânea”, caracterizada por não ditos, guardadas no mais profundo silêncio, que faz contraste com a memória nacional, que guarda a mesma lembrança, mas de maneira contundente e gritante.

A história oral, é uma das formas de trabalhar com a memória, pois ela traz o indivíduo através dos sons. Dessa forma ela trabalha com a subjetividade, pois nela o interlocutor conta além do que viu, como queria ter visto. Sobre isso, Alessandro Portelli alerta que as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez” (PORTELLI, 1997. P. 31). O autor alerta dessa forma, o cuidado que já citamos anteriormente de não confundir os relatos, com a História, lembremo-nos que a memória está, na maioria das vezes, ligada a sentimentos, e dessa forma relatar aspectos sensíveis.

No que concerne esta pesquisa, esses ditos aspectos sensíveis, são característicos de uma memória atravessada pelo discurso religioso. A população de Cuité, majoritariamente cristã católica, vê no Padre – o representante da Igreja no local – a figura de maior aproximação com o ser superior de sua crença, sendo assim,

as suas palavras, ideias, afirmações e gestos, são na verdade, exemplos a serem seguidos. Assim, elementos da crença são acoplados na vida social do cristão. E essa afirmação se aplica a ambos os casos que avaliaremos aqui.

Provavelmente, a escolha da participação da Marcha da Família com Deus pela Liberdade em Cuité, está condicionada a uma série de fatores, entre eles por exemplo o fato de uma escola do município retirar os alunos do ambiente escolar para participar do movimento. Outro fator que impulsiona essa presença é o caráter religioso que está envolvido, isto é, o discurso de que a Marcha seria uma forma de aproximar o Brasil de Deus, em detrimento do afastamento do comunismo. Esse debate deve ser levado em consideração pois há décadas o marxismo era condenado pela Igreja Católica, a propósito essa é a mesma explicação para o confronto de conservadores com os membros da igreja progressista, pois para o primeiro grupo a Teologia da Libertação seria uma forma de que a Igreja se afastar da moral e dos bons costumes conservadores.

Para essa parcela conservadora, a sensibilidade da memória, consiste nessa dita moral, o escrúpulo conservador de uma sociedade marcada pelo tradicionalismo desde seu princípio – isso fica claro ao avaliar nossa História, quando desde os primórdios portugueses, nomeiam o Brasil de “terra de santa cruz”, e a Marcha conservadora trazia em si esses discursos, como também diversas frases de efeito, que reafirmavam a ideia de uma ameaça comunista.

De igual maneira, anos depois, são atravessados por essa sensibilidade a parcela progressista da Igreja Católica, sobretudo no discurso que reafirma o Cristo nos pobres, construído em Medellín e Puebla. Essa Igreja e a atuação da Teologia da Libertação, fica característica quando em meio a uma forte onda de miséria e fome na América, aparecem com uma catequese de fé que necessita da ação, isto é, a esperança de um povo que vive de desesperança, também é, para o progressismo Católico, um elemento que deve ser levado em conta na vivência da fé.

É esse discurso que perpassa a memória – afetiva e heroica – do Pe. Rizzi. Diversos são os relatos de ser ele, o precursor de devolver a diversos cuitenses o ânimo, a dignidade, e sobretudo a fé. Recordamos algo que já foi citado anteriormente, o Padre Donato Rizzi, tem como seu maior legado na memória de quem conviveu, a sua intrépida bravura para defender os mais necessitados.

Dito isto, a memória com suas singularidades, é parte de uma construção histórico-social e é também por ela que conseguimos um dos mecanismos de construir a História. É isso, que faz a História Oral diferente, pois ela propicia ao pesquisador um relato que é mais característico de significados, em detrimento de eventos, por isso que Portelli (1997), sobreavisa que a memória não é, em hipótese alguma, objetiva, pois segundo ele, ela passa por diversas modificações, - de tempo, esquecimento, afetividade, entre outras - que já trabalhadas aqui.

Em conclusão, essa valorização dos testemunhos vivos da história, isto é, os depoimentos orais, além dessa emergência de temas contemporâneos, é o que rege a relação entre a História e a memória. A História oral por sua vez, é uma metodologia que permite a narrativa a partir da “entre-vista”, que possibilita reflexões que ultrapassam os limites das fontes documentais já escritas, ou seja, são realidades indescritíveis, onde mesmo a narrativa é inapta de apreço. Além disso, a História Oral permite que o pesquisador tenha uma relação direta com o sujeito da História, de seu objetivo de vida, e assim o historiador pode, abordar e avaliar aquilo que é subjetivo da vida humana, a memória.

Esses arquivos, que aqui são “provocados”, não são apenas “fontes” complementares, pois se faz necessário uma crítica as fontes, entretanto, não são incorretas, são imperfeitas, e também, inconclusivas. Pois, sendo eles parte de um processo de lembrança e também de esquecimento, passa ao longo do tempo, por transformações. Dessa forma, a memória se coloca na esfera de interpretação social, enquanto a História, é uma produção racional do saber, algo cognitivo. Esse saber advém pelo historiador, que em seu trabalho lança estímulos para provocar a memória, cabe a ele saber ouvir a entrevista de uma forma que não enquadre a memória, mas a deixe livre para as provocações que fará.

Por fim, a partir da premissa de que aquilo que chega pelos sons não é o espelho do escrito, a História Oral quando passa para documento oral, ou seja, no processo de transcrição, faz perceptível uma mudança de fatores para a narrativa, entre eles diferentes interpretações. Portelli (1997), afirma que “a transcrição transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretações.” (PORTELLI, 1997. P. 27).

Esse parto, que agora apresento, é uma construção histórica proporcionada pela memória dos cuitenses,, cheia de peculiaridades e pontos de vistas distintos, é

o motor para o funcionar o trem da movimentada e dinâmica historicidade. Esses questionamentos serão trabalhados em dois capítulos. No primeiro capítulo *As Marchas golpistas e a celebração pelo Golpe*, trabalhar a visão conservadora da Igreja Católica. Analisar o contexto que o Brasil se encontrava naquela época a partir dos feitos religiosos. Na cidade de Cuité, avaliaremos o fenômeno das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que em Cuité, por duas vezes acontece, uma delas conta inclusive com a realização de uma Missa em honra da dita “revolução de 64”, que expulsaria do Brasil a ameaça comunista.

No segundo capítulo, “*Unidos da oração e na ação*”: *a Teologia da Libertação na atuação do Pe. Donato Rizzi em Cuité*, analisar a face progressista, começar avaliando o Concílio Vaticano II e suas marcas a partir do Pacto das Catacumbas, onde ao seu exemplo, acontece na América duas conferências episcopais, Medellín e Puebla. É dessas conferências que surge a Teologia da Libertação, com seu carácter de entender a fé conjunta com a ação e a conhecida opção preferencial pelos pobres. Em Cuité, partiremos da atuação do Padre Donato Rizzi, através dos relatos da Juventude do Pe. Donato, que se reuniam semanalmente para discutir temas políticos e debater ações sociais na cidade e na zona rural.

2 A MARCHA GOLPISTA E A CELEBRAÇÃO PELO GOLPE

No dia 01 de Abril de 1964, ao findar do dia, o silêncio da cidade de Cuité, era interrompido por gritos de ordem, passos apressados e entusiasmados, Cuité contribuirá para livrar o Brasil do Comunismo, os comerciantes atentos, as donas de casa se apressaram, até uma das escolas do município retiraram os alunos de suas atividades acadêmicas para assistir e participar do movimento cívico, afinal de contas, Cuité estaria contribuindo para livrar o Brasil de um tremendo mal, o Comunismo.

Acontece, que antes do despertar do movimento, a elite política era informada que os militares tomaram o poder na madrugada anterior, e obviamente, alguma oligarquia se posicionaria a favor da tomada antidemocrática do poder. Era necessária uma movimentação, nos parâmetros daquelas que os jornais reportavam em outras – tantas – cidades do país. O barulho da população ali presente é interrompido, pois algo mais sublime aconteceria, o Padre iria “rezar a Missa”, em honra ao que aconteceu na madrugada anterior, e obviamente ao mal que foi expurgado do país. A Missa, celebrada naquela tarde de 1964, foi realizada pelo então Pároco de Cuité, o polonês Boleslau Biernaski, conservador e tradicionalista, como a maioria dos seus contemporâneos religiosos.

Dias depois, outra movimentação, mais organizada e com um caráter mais político. Depois de uma longa explicação sobre o mal, findado. O Padre exclama: *Ite, Missa Est!* Os mais frequentes nas celebrações entendiam que com essa exclamação, a celebração era encerrada, e que poderiam seguir suas tarefas diárias. A missa acabou, mas o evento não. De frente a igreja Matriz, no alto de um carro palanque, uma das oligarquias do município, representada por membros da família Pereira, aguardavam para discursar. Em meio ao povo, diversas faixas, onde pediam o “expurgo aos comunistas”, e davam “Salve ao Comando Supremo Revolucionário”. Diversas crianças se faziam presentes, por seus olhos viam a História acontecer, viram também os membros daquela oligarquia saírem dias antes para a cidade de Campina Grande, onde se apresentariam como situação dos militares, viram tudo pelos olhos, mas em suas mentes, poderiam pensar: de que mal estamos nos libertando?

Entre 1960 e 1964, diversas foram as organizações que se movimentavam para evitar que o Comunismo pudesse entrar visceralmente a política brasileira.

Destacamos esse recorte temporal, devido ao interesse da pesquisa que hora se apresenta, entretanto, o receio ao comunismo e as concepções Marxistas no Brasil, começam a ganhar impulso já na década de 30, com o surgimento de movimentos com características marxistas. O recorte de 1960-64, se dá devido ao fato da eleição de Jânio Quadros, e sua política de aliança externa não apenas com países que fizessem partido com os Estados Unidos, a grande potência capitalista da época. Essa atitude é vista pelos anticomunistas, como uma aproximação dessa ideologia política.

Este sentimento se torna ainda mais forte, quando em 1961 Quadros renuncia ao seu cargo, abrindo a vaga para o seu então vice-presidente, João Goulart, popularmente conhecido de Jango, que por diversas vezes foi apoiado pelo PCB, (mesmo que diversos movimentos discordassem de Jango) e por esse motivo, algumas alas conservadoras o taxavam de comunista, entretanto ele não tinha qualquer aproximação com essa ideologia, uma vez que ele era um rico latifundiário do Rio Grande do Sul - Jango continua a política externa de Quadros, o que aumenta ainda mais a desconfiança dos anticomunistas brasileiros.

É preciso também levar em conta que o comunismo além de ser visto como um problema político, é também relatado como uma subversão religiosa, isso se dá devido ao fato de a Igreja Católica publicar diversas encíclicas condenando a prática, inclusive excomungando, membros que por ventura se aproximassem de tais ideais. No Brasil, esse pensamento chega com a força do apoio dos tradicionalistas, que se organizam e realizam, por fim, o conhecido movimento da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, realizada sobretudo no primeiro semestre de 1964, das grandes as pequenas cidades. Neste movimento, diversos setores cristãos rogavam o fim do comunismo e a libertação do Brasil, do mesmo.

Após a segunda Guerra Mundial, o mundo é mergulhado em uma nova ordem mundial, onde as diferenças entre Estados Unidos e a União da República Socialista Soviética, ficam ainda mais características, esse período conhecido como Guerra Fria, divide os países entre apoiadores do Capitalismo e do Comunismo. Obviamente que existe, sobretudo no ocidente um pensamento de deturpar do comunismo.

Na América, sobretudo devido ao fato de ser os Estados Unidos a grande potência capitalista, por muito tempo muitos países fizeram partido com o pensamento político e econômico capitalista, entre eles o Brasil, sempre visto como grande parceiro econômico estadunidense. Essa sequência vai ser quebrada com a

Revolução Cubana, concluída em 1959. Cuba passa então a ser um perigo, imposto pelos EUA, e a América é então, colocada no epicentro da Guerra Fria. Como haviam mais países ao lado do capitalismo, os norte-americanos começam uma luta contra a ameaça comunista na América, isto é, contra a expansão do comunismo, a partir da ilha de Cuba, analisa Rodrigo Patto Sá (2000):

A questão cubana fez “soar o alarme” em Washington, que passou a considerar a América Latina zona prioritária no combate ao “avanço soviético”. Os norte-americanos concentraram esforços para evitar o risco de expansão do exemplo cubano, combinando medidas de natureza repressiva (vigilância, fortalecimento dos aparatos de segurança dos Estados da região), propagandística (intensificação das campanhas anticomunistas) e social (aumento da ajuda econômica). (SÁ MOTTA, 2000. P. 287)

Toda essa política de proteção contra o comunismo, desperta novamente no Brasil, o medo de que o comunismo se instalasse na política brasileira. Obviamente que movimentos de cunho marxistas, já aconteciam no Brasil, desde a década de 40 do século XX, entretanto esse dito “fantasma”, não assombrava tanto a população, como nos anos seguintes a 1960, tendo em vista que chega ao poder um presidente – Jânio Quadros - que mesmo não sendo comunista, toma algumas medidas de política externa que iam contrárias aos parâmetros estabelecidos pelos Estados Unidos.

Em 1961, quando Jânio chega ao poder, suas decisões começam a ligar o alerta de anticomunistas, duas coisas podemos citar para esse alerta: o início da negociação com países comunistas, o que não caracterizava uma aproximação ideológica, e sim econômica; e o oferecimento da condecoração com a Ordem do Cruzeiro do Sul, a Che Guevara. Essas duas medidas, fizeram com que Quadros enfrentasse uma série de críticas de parte da sociedade, e encerra o seu governo, renunciando em favor de seu vice, João Goulart, o Jango.

Por volta de 1963 a crise política instalada anteriormente se tornava mais acentuada, o Brasil voltava a ser parceiro comercial de diversos países além dos amigos pelo capitalismo, a aprovação de Jango dentro do país também estava em bons números, o que poderia ser visto como um possível presidenciável para a eleição que viria a acontecer em 1965, Marcos Napolitano (2014), avalia que:

Os dados do Ibope mostram que, às vésperas de ser deposto, em março de 1964, João Goulart tinha boa aprovação na opinião pública das

grandes cidades brasileiras, com 45% de “ótimo” e “bom” na avaliação de governo, e 49% das intenções de voto para 1965. Apenas para 16% dos entrevistados o governo era “ruim ou péssimo”, e 59% era a favor das reformas anunciadas no Comício de 13 de março. (NAPOLITANO, 2014. P, 46)

O comício ao qual Napolitano se refere, foi realizado com o intuito de tornar público as reformas de base do governo Jango, entre elas a tão falada Reforma Agrária, entretanto aflorou ainda mais os ânimos e inflamou sobretudo a parcela que temia na sua figura a aproximação com o comunismo. Isso deixava claro que a esquerda estava se organizando na conjuntura nacional, podemos citar a reabertura do Partido Comunista Brasileiro (PCB); as Ligas Camponesas; e a Campanha de Educação Popular (CEPLAR). Se fazia necessário uma reação da direita, mesmo que ela não utilizasse de vias democráticas.

2.1 A Igreja Católica e o Marxismo

Historicamente, o Marxismo é combatido como inimigo do catolicismo e das práticas religiosas. Diversos papas ao longo da história publicaram escritos que condenam a Ideologia Marxista, ao vê-la como ateia, subversiva e distante dos princípios cristãos. É esse pensamento que faz com que quase todos os papas, desde o surgimento da ideologia Marxista, escrevam sobre seus problemas – a partir de seus pontos de vista – e além disso, tornando as pessoas que se aformoseiem por essas concepções como pessoas indignas do Cristo e de sua comunidade. A igreja Romana, analisa também que todas as quebras das tradições ditas conservadoras, estão ancoradas no comunismo, por tudo isso, era necessário combater-lo com toda garra possível.

O discurso do medo ao comunismo, é como já visto, uma série de tradições, e práticas de valores cristãos. Isso faz com que Motta (2000), afirme que o catolicismo é uma das três vertentes que conflui o anticomunismo no Brasil, junto com o liberalismo e o nacionalismo.

A Matriz do liberalismo seria explicada pela forma como o Comunismo, não “obedece”, a propriedade privada, que para os anticomunistas era um direito individual, e também, que segundo eles a liberdade democrática estaria sendo

infringida, pois o comunismo não confluiria com essa liberdade, o que fazia com que os anticomunistas se auto intitulassem de democratas, ou a favor da democracia. Já a matriz nacionalista, estaria ligada a um quesito de outra pátria ser a real dos comunistas, no Brasil eles caracterizavam a URSS com a pátria-mãe desses subversivos, e dessa forma, a União Soviética iria confiscar os bens do povo brasileiro, e conseqüentemente submeter seu povo a um regime totalitário.

E por fim, mas não menos importante, a matriz do catolicismo, sendo essa a mais abordada neste trabalho. O catolicismo tinha no comunismo uma grande ameaça que necessitava ser combatida, sobretudo no tocante econômico. Para isso, a Igreja publica uma série encíclicas, condenando a prática do comunismo e suas vertentes. Encíclicas são documentos feitos por uma alta cúpula da Igreja Romana, com o assentimento do maior representante da igreja, o Papa. Esses documentos, são uma forma da Igreja ditar como seus fiéis devem se portar perante os “desafios” dos cristãos.

Dessa forma, o comunismo era um assunto muito requisitado no tocante ao que os católicos deveriam se afastar, segundo Motta, para os representantes da Igreja

A formulação de que o comunismo seria “intrinsecamente mau” revelou-se particularmente marcante, significando o caráter irrevogável da atitude anticomunista da Igreja. A frase foi muito utilizada e reproduzida ao longo das décadas seguintes, argumento de autoridade ao qual se recorria sempre quando se fazia necessário recordar aos católicos que a Igreja tinha um compromisso básico com o anticomunismo. (MOTTA, 2000. p, 41)

Em 1849, o Papa Pio IX, publicou a encíclica *Nostis et Nobiscum*, onde caracteriza o Comunismo como uma trama maldosa, segundo ele, essa concepção impulsiona a subversão da ordem humana, e ainda relata ficar profundamente abalado quando encontra diversos italianos aplaudindo esta doutrina. Na Encíclica *Quadragesimo Anno*, publicada em 15 de maio de 1931, o Sumo pontífice Pio XI, afirma que a doutrina socialista de maneira alguma pode assemelhar-se com a doutrina Cristã, condenando mais uma vez. Ainda no papado de Pio XI, outra encíclica é publicada, a *Divinis Redemptoris*, caracterizada por Motta (2000) como “o mais forte pronunciamento anticomunista do papado, a Encíclica *Divinis Redemptoris*, editada pelo Papa Pio XI em março de 1937.” (MOTTA, 2000. p, 40).

No ano de 1949, o Santo Ofício⁷, publica um decreto, conhecido como “decreto contra o comunismo”, condenando todos os Católicos que se filiassem, lessem ou publicassem algo que pudesse defender o comunismo. É desse documento, que iniciam as condenações na Igreja romana, para os ditos “subversivos” religiosos. Em 1959, o Papa João XXIII, publica do *Dubium*, um documento do Santo Ofício, na qual reafirmava o decreto contra o comunismo, e assim ratificava a proibição de Católicos aproximarem-se de partidos comunistas

Entre tantos outros escritos publicados, o Papa que dirigia a Igreja em 1964, era Paulo VI no qual continua condenando o comunismo. Esse pensamento chega no Brasil de uma forma que contribuía com os movimentos anticomunistas, isto é, aquele pensamento de perpetuação do capital, se valia agora, de discursos religiosos. É isso que faz a Igreja Católica da década de 1960, temer fortemente o comunismo, e dessa forma, combatê-lo.

Na década de 1950, surge no Brasil diversos grupos de jovens católicos com ações além das religiosas, JAC⁸; JEC⁹; JIC¹⁰; JOC¹¹; e JUC¹², destacaremos aqui essa última ação, a Juventude Universitária Católica, que se torna muito importante na década de 60, pois com um grupo que transitava entre os altares e as universidades, esses jovens tinham uma leitura diferente da religiosa, inclusive de obras marxistas. Com toda essa crise política, a JUC passa a defender o governo Jango, o que é visto dentro da Igreja Oficial, como uma tentativa de o marxismo se infiltrar dentro da Igreja.

Outra forma de combater o comunismo, que a Igreja passou a utilizar, foi comunicar-se diretamente com os padres das paróquias, sejam eles de grandes ou pequenas comunidades, essa comunicação acontecia através das Cartas Pastorais, onde diversas são enviadas justamente com a premissa de combate a esse mal, o comunismo. Ainda assim, as cartas também eram lidas nas celebrações com a presença de toda comunidade,

⁷ O Santo Ofício é uma instituição oficial da Igreja Católica Romana, para inquirir as blasfêmias e heresias praticadas contra a Igreja.

⁸ Juventude Agrária Católica

⁹ Juventude Estudantil Católica

¹⁰ Juventude Independente Católica

¹¹ Juventude Operária Católica

¹² Juventude Universitária Católica

visto isso podemos imaginar o tamanho da difusão dessas cartas entre a população brasileira, devido ao tamanho da população católica e o fato daquela população que frequenta a Igreja ter uma maior sensibilidade ao discurso cristão. (SOBREIRA, 2013. p. 14)

Nos escritos das cartas pastorais, a Igreja fazia questão de caracterizar o comunismo como uma artimanha do maligno, na verdade, o marxismo vai sendo caracterizado pela igreja Católica como “a última artimanha engendrada pelo “antigo tentador” para desviar o homem do bom caminho.” (MOTTA, 2000. p, 74), esse era mais um motivo pelo o qual os cristãos deveriam afastar-se do marxismo e suas vertentes.

Podemos ver então, que a Igreja Católica utilizou de todos os meios que podia, para tornar o comunismo, malvisto por toda sociedade. O próximo passo era o combate direto, sendo assim, diversas ações contra o comunismo foram orquestradas, algumas inclusive fazendo o uso dos discursos religiosos para se promoverem, esses grupos teriam a missão de depreciar o comunismo, a partir de um discurso que o deixe como uma prática inaceitável, um exemplo desses grupos é o conhecido “cruzadas do Rosário”, onde os católicos rezavam o rosário pedindo o fim do comunismo, liderados pelo Pe. Patrick Peyton.

Somando toda a crise política que o Brasil passava naquele momento, com todas as ações anticomunistas brasileiras, esses movimentos viam a necessidade de uma ação mais consolidada, essa ação vai acontecer como uma reação ao comício de 13 de março, feio por Jango para anunciar as reformas de base. Há quem afirme que esse comício foi uma tentativa de acalmar os ânimos, tendo em vista que as reformas propostas por Jango eram necessárias para economia brasileira.

Essa ação contra o comunismo, é melhor representada pelas Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que foi um movimento de unidade religiosa, onde diversos membros de religiões que outrora não interagiam entre si, agora se unem em prol de um bem maior, que seria livrar o Brasil do maligno comunismo. Como analisa Patto Sá Motta:

Pastores e rabinos participaram, ao lado dos padres, na preparação das Marchas em São Paulo e no Rio de Janeiro. A disposição em não restringir a mobilização a um só grupo se evidenciou na referência a “Deus” e não a “Cristo”. Significativamente, o texto de convocação para a Marcha do Rio dizia que os comunistas “(...) preparam-se para o assalto final às igrejas de todos os credos (...)” e terminava com a

chamada: “Vamos para as ruas, antes que os inimigos cheguem aos nossos templos e igrejas!” (MOTTA, 2000. p. 304).

Ainda é preciso levar em conta o discurso utilizado pelas Igrejas para juntar os seus fiéis para participar das marchas conservadoras, algo muito utilizado nesse momento vai ser símbolo do terço, como já citado anteriormente, o rosário que é tido como símbolo de Nossa Senhora de Fátima, nomeada como protetora das lutas anticomunistas, por isso, é recorrente ver em fotografias das marchas terços nas mãos dos que ali se manifestavam. Utilizar de objetos e palavras religiosas é uma forma de além de amedrontar, tornar aquele discurso como algo vindo do céu, isto é, os presentes nas marchas, estariam seguindo os recados advindos de Deus.

Sendo assim, a população majoritariamente cristã, se sente na obrigação de seguir aquela premissa, talvez a maioria dos presentes nem soubessem do que se trata o comunismo, mas tinha medo de sua prática, devido aos discursos religiosos, que posteriormente passavam a ser discursos populares. Isso fica claro quando nas entrevistas para essa pesquisa, um dos participantes afirma que ouvia em casa as recomendações sobre o cuidado que deveria ter em aproximar-se de comunistas, e do pensamento comunista.

Eu escutava em casa, a preocupação dele [seu pai], que os comunistas vinham tomar as terras. (...) eles tinham muito medo dos comunistas vir tomar as terras aqui. Era um perigo de tomar o que você tinha, era o que passava na cabeça deles. (Participante 1.)

Não se tinha uma análise sobre a ideologia comunista, isto é, o discurso de que ele era um perigo bastava, e era a palavra final. Um perigo que necessitava da ajuda de todos para o combate. As Marchas da Família com Deus pela Liberdade, aconteceram das grandes as pequenas cidades, o movimento surge em São Paulo, em sua primeira edição no dia 19 de março, dia que a Igreja Católica celebra São José, “pai adotivo” de Jesus Cristo, e protetor das famílias.

Ainda assim, um fator interessante de um relato da marcha, é que a única visão de comunismo existente era a tomada de terras dos cidadãos, mesmo que não fosse ele proprietário de terras. Uma entrevista, mostrou um fato engraçado e interessante da população, onde uma das famílias alertava seus filhos que os comunistas, já

havam tomado um território¹³ próximo a cidade de Campina Grande, e que se houvesse apoio eles iriam continuar vindo e poderiam chegar em Cuité.

Como Cuité tinha um enorme fluxo de caminhoneiros, devido ao processo econômico do agave, onde a cidade era uma das maiores produtoras do mundo, os caminhoneiros também eram o fluxo de notícias de outras partes da Paraíba, entre elas a informação que os “subversivos” já haviam tomado conta de um território e que estariam se dirigindo para os “lados” da região do Curimatáu. Essa informação causara grande medo, e só endossava o discurso de receio ao marxismo.

Dessas marchas em São Paulo e no Rio de Janeiro, diversas outras ocorreram. Na Paraíba nos mais variados municípios, obviamente que com mais ênfase nas grandes cidades, sobretudo João Pessoa e Campina Grande, o que não anula a importância das marchas nas pequenas cidades do estado. Um fato interessante que merece observação, é que na Paraíba as marchas contavam com o imenso e irrestrito apoio do *Jornal da Borborema*, que em suas muitas páginas de divulgação, convocava a população para o evento patriótico. Um claro exemplo é a ampla propagação para a Marcha que acontece em Campina Grande, sede do jornal. A redação do jornal faz inclusive críticas a políticos e religiosos da cidade por não estarem se manifestando a favor do evento, dessa forma o jornal “toma para si” a responsabilidade de convocar a Marcha da Família, que acontece com ampla participação popular. Ou seja, podemos ver a importância dos meios de comunicação na divulgação dessa manifestação conservadora. Os jornais em todo o Brasil, forma um influente meio para disseminar o medo ao comunismo, e também para convocar a população a combater esse mal.

2.2 As marchas dos conservadores cuitenses

Assim como em muitas cidades do Brasil, a Cidade de Cuité, situada no curimatáu paraibano, realiza também seu combate ao comunismo. Para chegar na marcha de 64, é importante antes fazer um parâmetro político da cidade. A maioria das cidades brasileiras, foram por muito tempo dominadas por duas famílias, a qual chamamos de oligarquias, essas famílias são responsáveis pela política local, sendo

¹³ O território referido na entrevista, é onde hoje localiza-se a comunidade Cajá.

geralmente eles envolvidos em alguma atividade de suma importância para aquela comunidade.

Em Cuité, duas famílias se destacam: a família Venâncio, e a família Pereira, que deste antes de Cuité ser emancipada, ambas já travavam disputas pelo poder local. Quando essa emancipação acontece, no ano de 1937, até a atualidade a cidade é governada ou por algum membro de uma das famílias, ou de indicados por elas. Essas duas oligarquias, são responsáveis pela cidade de Cuité, e por seu desenvolvimento – ou não – desde sua fundação. A família Pereira, mais ligada ao ARENA – Aliança Renovadora Nacional – foi o grupo político que fez situação da Ditadura Militar na cidade de Cuité, enquanto a família Venâncio, faz parte do MDB – Movimento Democrático Brasileiro – fez então a conhecida oposição consentida ao Regime, voltaremos a esse assunto mais adiante.

As Marchas que acontecem antes do golpe vão dar impulso para que os militares, que se acredita já estarem à espreita para tomar o poder há muito tempo, esperavam para colocar a ação golpista em prática. A Igreja Católica tem então uma enorme participação nesse processo, e as marchas por sua vez, acontecem nos mais variados locais, e continuam a acontecer como “Marcha da Vitória”, posteriormente ao golpe civil-militar, como analisa Dmitri Sobreira:

A Igreja Católica e a população foram às ruas festejar a tomada de poder dos militares e a restituição da ordem social do país, nas chamadas Marchas da Família com Deus pela Liberdade. Em cada pequena cidade da Paraíba houve uma movimentação como essa, em agradecimento às forças armadas por afastar o perigo comunista do Brasil. A fé e os valores morais, como a família, estariam salvos do comunismo, classificado como ateu e intolerante pela direita conservadora. (SOBREIRA, 2014. p. 59).

Essas movimentações, em apoio ao golpe de 64, na cidade de Cuité acontecem em dois momentos, um realizado na tarde do 01 de abril de 1964, outro realizado dias depois, é contundente pensar e retomar uma discussão já abordada na introdução deste trabalho, do profundo esquecimento em que ambos os movimentos foram colocados na memória do povo cuiteense. Foi comum ao procurar informações sobre as marchas, notar a surpresa de memorialistas do município. É justamente por esse motivo, que retomo a discussão sobre esquecimento, justificando que se esquece por algum motivo, mesmo que seja, a necessidade da memória.

E essa foi uma problemática que deu compasso para continuar a pesquisar sobre as duas movimentações conservadoras em Cuité, por qual motivo se esquece? Para responder esse questionamento, vamos aos fatos do movimento. O dia do golpe, é marcado pela interrupção de aulas da principal escola do município e a retirada desses estudantes para participarem da Marcha, conforme relata um dos presentes,

uma das lembranças que eu tenho, é que no dia da Revolução, Camélia que era a diretora do Vidal,¹⁴ trouxe a gente até a frente da Igreja e foi celebrado depois uma Missa campal, o padre era Boleslau, um polonês. (Participante 1).

Além da retirada dos alunos para participar da Marcha, a figura do líder - no caso, o religioso – é de suma importância na formação da subjetividade do ser humano, sobretudo quando tratamos de pessoas religiosas, que são diretamente influenciadas pela liderança do padre. Um dos motivos do esquecimento pode ser a inserção social dos anos seguintes na influência da Teologia da Libertação, que será tratado no próximo capítulo.

Essa primeira movimentação em Cuité, rapidamente organizada, acontece no dia do golpe civil militar, na parte da tarde. O evento inicia com a retirada de alunos de uma das escolas do município, que se dirigem até a Igreja Matriz, onde o pe. Boleslau Biernasck celebra uma missa em agradecimento pelo livramento do Brasil do Comunismo. Como já era de se esperar, a maioria dos estudantes ali presentes não sabiam sequer do que estava dando graças, alguns davam graças ao fato de serem liberados da aula, conforme relata um dos alunos participantes:

Eu estava lá por estar, e achei até bom que não teve aula. Era a missa, depois teve uma fotografia com todo mundo, e rezamos pela revolução de 64, agradecendo a Deus. (Participante 1).

O evento ainda contou com liturgias patrióticas, cantando o hino nacional, encerraram a celebração naquela tarde conturbada do país. Depois desse ato, representantes da família Pereira, se dirigem até Campina Grande para declarar o seu apoio ao governo instaurado, dessa forma, ficando como situação a Ditadura Militar, os membros da família Pereira. Por sua vez, conta-se que dias depois familiares Venancistas, fizeram o mesmo percurso que os adversários, mas como o posto já

¹⁴ A Escola Vidal de Negreiros, a qual se refere na entrevista, é uma escola do município que atendia adolescentes de todas os níveis educacionais básicos.

estava ocupado, coube a eles a oposição ao regime. Fato interessante, dessa pressa da família Pereira, é que o município estava sobre governo de Cláudio Furtado, que fazia parte do bloco Venâncio. Sendo assim, se valem do apoio militar, para tentar chegar ao poder posteriormente, o que não conseguem realizar.

A Marcha que acontece com os alunos da escola Vidal de Negreiros, tem um caráter dubio, isto é, a tática de levar os alunos da escola, é justamente para perpetuar esse pensamento político para as futuras gerações. Era necessário que o comunismo continuasse sendo visto como um perigo, e por outro lado que as pessoas continuassem se afastando de suas ideologias. O Padre Boleslau, celebrante da Missa pela “revolução”, fala publicamente sobre suas percepções do comunismo e como ele era maléfico para a sociedade.

Dias depois, outro movimento é realizado. Esse, por sua vez, mais organizado, com cartazes, uma participação popular mais expressiva com direito a palanque e discurso daqueles que agora eram a situação do governo na cidade. Esse segundo movimento, que podemos caracteriza-lo como “marcha da vitória”, ocorre dias depois do Golpe Civil-Militar, mais uma vez utilizam a celebração de uma missa, e posteriormente um evento partidário de frente a Matriz.

Essa segunda marcha, que tem suas marcas no esquecimento da memória, é a prova viva dos questionamentos que surge em Cuité sobre a sua validade. Mas, como dito anteriormente, até as melhores de todas as borrachas, deixam marcas. Nesse caso, uma única foto do dia chega aos nossos olhos como a maior de todas as recordações, da marcha em Cuité.

Figura 1: Retrato do segundo movimento em prol da "intervenção" Militar, na cidade de Cuité-PB - 1964



Fonte: Arquivo pessoal José Alves da Silva

Essa foto é tirada também de frente a igreja Matriz de Cuité, pode-se notar algumas partes de sua imponente torre, e suas janelas, ao fundo da imagem. Também é parte do local, esse cruzeiro com o escrito “salva tua alma”, que por muito tempo ficou no patamar da Igreja Matriz. Ao alto do carro palanque, podemos observar três homens trajando paletó, entre eles está Jaime Pereira, e José Pereira então deputado da Paraíba, ao seu lado diversos populares sobem ao palanque e dividem “igualmente” este local de destaque, observemos que no palanque havia outra bandeira do Brasil.

Duas coisas me chamam atenção e merecem uma análise: a primeira análise deve ser das faixas que estão com a população, observemos que no ponto mais alto, temos a faixa escrita “Com Deus pela Liberdade”, fazendo uma clara referência as Marchas que vinham ocorrendo por muito tempo, e podemos notar a nomenclatura “Deus” em vez de “Cristo”, devido à junção das religiões como já tratado anteriormente. Por trás dessa faixa temos a bandeira do Brasil, e da Paraíba, além de muito provavelmente a bandeira de Cuité, para demonstrar o nacionalismo que havia no movimento.

A segunda faixa “Viva o Brasil e a Democracia”, já aparece em um quesito político. É interessante analisar que todos os movimentos anticomunistas, e aqui em questão, as marchas conservadoras, utilizam do discurso de defesa da democracia

para legitimarem seus movimentos, isto é, no Brasil, em nome da liberdade e da democracia, institucionalizam um regime que infringe diretamente a liberdade e o Estado democrático de direito.

As faixas deixam claro o motivo central do movimento: libertar o Brasil, das garras malignas do comunismo, a faixa “Expurgo aos comunistas”, deixa isso claro. Expurgar, advém do Latim *Expurgare*, que significa limpar, ou tornar algo puro, isto é, limpar o Brasil do comunismo, para então tornar puro aquele povo, e mais uma vez, podemos analisar a junção do comunismo com uma atitude do pecado. É necessário limpar-se do marxismo, bem como do pecado.

E por fim, a faixa saudando o Supremo Comando Revolucionário, esta faixa se refere aos primeiros membros do governo autoritário: Costa e Silva; Augusto Rademaker; e Francisco de Assis Correia de Melo, essa tríade se auto intitularam *Comando Supremo Revolucionário* e teriam a missão de comandar o Brasil, até a nomeação do próximo presidente, tendo em vista que Jango havia sido deposto.

Novamente, podemos perceber a quantidade de crianças nessa foto. Obviamente, são os filhos dos que estavam presentes nesta missa, também celebrada pelo Pe. Boleslau, e que ficaram para participar desse evento político de frente a Matriz. O exemplo, bem como o discurso influenciaria aquelas crianças a seguirem pelos caminhos opostos ao comunismo, ensinar a criança os passos que deve andar, para justamente, não se desviar posteriormente, a exemplo das Escrituras sagradas para os cristãos. Talvez, por ser um movimento conservador que deu base e apoio para o golpe civil-militar, e anos depois, as notícias das atrocidades desse regime, que vem à tona, seja outro fator para o esquecimento desse dia, ou de ambos os movimentos.

A memória desse momento, é guardada apenas nas fotografias, e nos relatos, de pouquíssimos que enveredaram pelos caminhos políticos da esquerda, alguns inclusive que já faleceram. Aqueles que continuam, como na Marcha, a seguir o dito anticomunismo, silenciam suas memórias, tornam ainda mais desafiante a construção da História. Entretanto, como já dito anteriormente, a História é feita de lembranças, de fatos, problematizações e criticidade. Mas também, passa a ser parte do processo da construção da História, o esquecimento, sendo ele, parte fixa e importante da memória.

Peter Burke (2011), advertia em seu livro *A Escola dos Annales – 1929 - 1989*, que uma das funções do historiador “é lembrar a sociedade, daquilo que ela quer esquecer”, é essa a relação de violência – que abordamos na introdução deste trabalho – violar as memórias dos cuitenses, é uma forma de lembra a própria sociedade, aquilo que não deve não ser esquecido, pelo contrário, deve ser evocado, pois marca, profundamente, a subjetividade de todos aqueles que de alguma maneira, são atravessados por essa História.

3 UNIDOS DA ORAÇÃO E NA AÇÃO: A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA ATUAÇÃO DO PE. DONATO RIZZI EM CUITÉ.

A Igreja Católica, passa por diversos processos de transformações, ou pelo menos de tentativas de mudanças. O mais recente e mais expressivo de todos, é o Concílio Vaticano II, iniciado em 1962, pelo Papa João XXIII. O CVII, teria a missão de repensar a Igreja Romana, para a nova roupagem moderna do mundo. Este concílio, com participantes de todas as partes do mundo, é a caracterização da Igreja que tenta uma saída para uma crise gerada pelas novas configurações de sociedades, sobretudo a sociedade distante da fé.

Desse Concílio, diversos documentos são formulados, para dirigir a forma como a Igreja no mundo inteiro deve se portar a partir de então, entre as mudanças mais significativas, podemos citar a “nova missa”, isto é, após o CVII, a missa passa a ser celebrada na língua oficial daquele povo, com a participação da comunidade, substituindo a missa em Latim, e celebrada de costas para os fiéis. Acontece que no decorrer da realização do Concílio, um grupo de representantes da América Latina, não estando de acordo com os rumos que o Vaticano II estava tomando, organizam uma celebração nas catacumbas de Santa Domitila, onde realizam o conhecido Pacto das Catacumbas, firmando o compromisso de todos os presentes, com uma Igreja servidora, que observa a figura do Cristo no pobre.

A Igreja na América Latina realiza quatro conferências Episcopais, realizadas no Rio de Janeiro – 1955; e após o CVII, realizam Medellín; Puebla; e São Domingos. Daremos ênfase maior a Medellín – 1968, quando a Igreja Latina revisa os documentos do concílio de uma maneira ousada e inovadora, levando em consideração as condições que a população da América vivia, sobretudo no que toca a fome e a miséria popular. E anos depois, realizam Puebla, onde ocorre a reafirmação das propostas de Medellín. É dessas conferências que surge a conhecida opção preferencial pelos pobres, onde a Igreja passa a juntar os pensamentos da oração, com a ação, isto é, se faz necessário que a fé passe por um processo de reação aos problemas do povo latino americano.

É neste contexto que surge a Teologia da Libertação, uma corrente de pensamento cristão, fincada na opção pelos pobres, onde seus adeptos viveriam uma junção da ação e oração. Esse segmento da Igreja que vai, - em contraponto a ala

conservadora – criticar a Ditadura militar, e a situação de miséria do povo pobre do país.

Dessa forma, chega a Cuité no final da década de 1960, o Pe. Donato Rizzi, italiano, adepto da Teologia da Libertação. Pe. Rizzi desenvolve em Cuité um trabalho de ação e oração, a exemplo das conferências de Medellín e Puebla, o padre viveu como um anunciador da boa nova aos pobres, aos marginalizados, cuidando sobretudo da população mais pobre daquele município. Preocupado com as questões políticas e sociais, fundou um grupo de jovens, iremos chamam aqui de Juventude do Padre Donato, e semanalmente se encontravam para debater toda sorte de conteúdo, os mais frequentes era a ação política, junto da religiosa. Pe. Donato, ainda teve sua importância na alimentação e fornecimento de água para a população que, na época, passavam por uma forte escassez de comida e água.

A fé e a política, foram duas características permanentes deste homem cristão, isso faz com que ele seja reverenciado por boa parte da população de Cuité, quase como um herói, isto fica claro quando na totalidade de nossas entrevistas para essa pesquisa, os entrevistados, por diversas vezes se emocionavam ao falar do padre, de sua importância no âmbito cristão, e também no contexto político, afinal de contas, eles não são campos separados, mas conjuntos.

Desta forma, neste capítulo iremos abordar a outra versão da Igreja Católica, no mesmo período, mas com uma característica totalmente diferente, analisaremos a outra face, agora da Igreja que fica ao lado dos mais necessitados, na luta contra a Ditadura Militar, a igreja que se aproxima de políticas tidas como de esquerda, e entram no campo das lutas sociais. Sem deixar de lado a criticidade e as análises históricas, a Teologia da libertação da uma nova roupagem a Igreja, que outrora conservadora e ligada à direita brasileira, agora anda de mãos dadas com as políticas de avanços sociais, tendo em vista a situação do povo pobre daquela localidade.

3.1 O Aggiornamento da Igreja Católica

Fica claro com nossa discussão desde o início deste trabalho, que a Igreja precisava passar por mudanças. Quando eleito o Papa João XXIII com idade avançada, surpreende a todos quando convoca o Concílio Vaticano II, um evento que teria como missão iniciar o *aggiornamento* da Igreja, seria o momento de abrir as

portas da Igreja Romana para a modernidade, deixando para trás os problemas do passado, por esse motivo, o Concílio Vaticano II é talvez o acontecimento mais notório da Igreja Católica dos últimos séculos, sobretudo quando analisamos o fato de que a Igreja passou a dialogar com as ciências sociais, tentando entender os problemas da sociedade atual.

Apesar dessa abertura para a modernidade, a Igreja já vinha a ensaiando há algum tempo, um claro exemplo disso é o fato da Ação Católica – já trabalhada no capítulo anterior – quando a Igreja Romana entende a importância da valorização dos leigos no processo de permanência da Igreja, sobretudo se aproximando de jovens, é nesse contexto que surge a JAC (Juventude Agrária Católica); JEC (Juventude Estudantil Católica); JIC (Juventude Independente Católica); JOC (Juventude Operária Católica); JUC (Juventude Universitária Católica). Todas essas organizações, são parte desse processo de abertura da Igreja. Observemos que na década de 1950, a população brasileira passava por dois processos econômicos, isto é a força do trabalho agrário e também o crescimento do operariado, dessa forma a Igreja estaria caminhando em ambos os espaços, com a JAC e a JOC.

Já a JEC e JUC, trabalhava diretamente com a juventude intelectual religiosa, que estava tendo leituras e perspectivas diferentes – e até divergentes – da cristã católica, e dessa forma a aproximação da Igreja era para, além de participar do diálogo, ganhar espaço nesses meios jovens para manter o futuro do catolicismo. Como já citado anteriormente, essa juventude tinha leituras diferentes da católica, inclusive tendo acesso a leituras e o panorama social a partir do Marxismo.

É desse concílio que surge diversas encíclicas papais, para os novos rumos da Igreja Romana, citamos: *Sacrosanctum Concilium*, que trabalha sobre a liturgia da igreja, onde aumenta a participação de leigos na liturgia católica, foi o primeiro documento publicado do Concílio Vaticano II; *Dei Verbum*, analisando as escrituras sagradas dos cristãos e a tradição da Igreja, seria as análises da iluminação do divino nas arguição dos escritos sagrados. Um dos mais debatidos documentos, foi o que analisa a Igreja como um corpo inescrutável do próprio Cristo, o documento *Lumen Gentium*; E por fim, o *Gaudium et Spes*, talvez o mais conhecido do CVII, devido sua análise sobre as relações entre a Igreja e o mundo contemporâneo, este documento é dividido em duas partes, a primeira trabalhando um caráter mais ligado a doutrina da Igreja, a exemplo da missão de seus membros, e a segunda parte trabalha as

dualidades do tempo contemporâneo, problemas sociais, injustiças, fome, entre outros assuntos.

Antes do início do Concílio Vaticano II, no Brasil Dom Helder Câmara organiza um grupo, conhecido como “Grupo da Pobreza”, este se dedicava a denunciar o afastamento da Igreja dos mais necessitados, sobretudo no tocante aos operários. Os representantes desse grupo que estavam participando do Vaticano II, tentam a todo custo, colocar temas relacionados a miséria, fome, e afins, em pauta de discussão no encontro religioso, o que não acontece. Dessa forma, e com o pobre suprimido dos debates, faz com que diversos participantes considerem o concílio bem mais europeizado, e assim começam a organizar um encontro para levantar essas questões.

À vista disso, alguns Bispos organizam a celebração, que ocorreria de forma quase secreta, então “o Pacto foi assinado nos últimos dias do Vaticano II (1962-1965), numa celebração eucarística na Catacumba de Santa Domitila, em Roma, no dia 16 de novembro de 1965” (BEOZZO, 2015. p, 27), e conta com a presença de representantes de todas as partes, participam mais de 40 bispos, além de padres conciliares. As catacumbas de Santa Domitila, situada em Roma, data do terceiro século, acredita-se ser uma doação da neta do imperador Vespasiano, é uma das maiores das diversas catacumbas que existem em Roma, dentro dela tem milhares de sepulturas, além de uma basílica subterrânea.

Esses participantes, redigem um documento, que fica conhecido como “Pacto das Catacumbas”, com treze propostas a serem efetivamente seguidas, cada proposta era firmada nos escritos sagrados católicos, onde apresentavam uma fundamentação no Cristo para seguirem aquela “regra”, e ainda contava com um “texto conciliar”, essa parte continha trechos retirados de documentos da própria igreja para torna aquele documento como aceitável aos olhos de seus superiores.

Dentre as cláusulas do pacto, está em primeiro lugar a tentativa de ter uma vida semelhante a de seus fiéis no âmbito social, renunciando as riquezas, sobretudo de trajes, tendo em vista as pomposas vestes litúrgicas da igreja Romana, é comum ver os adeptos do pacto e depois de suas ramificações, utilizarem apenas as vestes necessárias, para caracterizarem a função que cabe a eles. Os assinantes também abririam mão de imóveis, se caso obtivessem algum, este deveria ser para a Igreja ou para alguma instituição de caridade. O Pacto também fazia uma tentativa de maior

participação dos leigos, sendo assim, na ideia de se dedicarem exclusivamente ao pastoreio, os participantes tentariam passar parte do controle financeiro de suas igrejas para fiéis.

A única forma de chama-los seria padres ou bispos, abrindo mão de nomes muito característico de privilégio (excelentíssimo, reverentíssimo, e afins), e obviamente, negariam esses privilégios em suas vidas cotidianas, negariam também a vaidade de quem quer que seja, e “dariam tudo que for necessário” para evangelizar e cuidar dos mais pobres e marginalizados, com obras sociais, e cobranças políticas, isto é, cobriam dos governantes para que os serviços públicos possam funcionar da melhor maneira. Eles ainda cobriam aos governos de maneira geral, que criassem meios para fazer com que os mais necessitados saiam da condição de miseráveis.

As duas últimas propostas do Pacto, está ligada a uma questão de relação com o divino, isto é, os assinantes deveriam comprometer-se a viver uma vida partilhada com os iguais, ou seja, o clero de maneira geral. E o Pacto estaria pautado já na discussão do ecumenismo, dessa forma, os participantes deveriam tratar a pessoa, não sua religião. E o último compromisso, era que ao retornarem para suas dioceses, tornassem este pacto conhecido e respeitado por todos os lados, a propósito, “o Pacto foi posteriormente assumido por cerca de 500 dos 2.500 bispos do Concílio” (BEOZZO, 2015. p, 28).

A luz de todo este debate, os Bispos da América Latina, resolvem se encontrar para analisar, debater e posteriormente colocar em prática as medidas tomadas pelo Concílio Vaticano II. A forma que eles escolhem para esses debates, é através de Conferências-gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, criado em 1955, portanto anterior ao Vaticano II, que reuniria representantes, estudiosos e curiosos para o debate de como implantar veementemente a propostas da Igreja, a exemplo do Vaticano II. Duas conferências merecem destaque no tocante ao nosso tema, Medellín realizada entre agosto e setembro de 1968; e Puebla, que acontece de janeiro e a fevereiro de 1979.

É preciso levar em conta a realidade latino-americana daquele momento, diversas crises, miséria, além do apogeu de distintos regimes autoritários e ditatoriais, e ao fato de que a América era um dos epicentros da Guerra Fria, devido ao processo da Revolução Cubana. Ou seja, o debate sobre o Vaticano II, deveria levar em consideração todos esses fatores que estavam acontecendo naquele momento, por

isso, as conferências fazem uma leitura do Vaticano II, a partir da realidade latino-americana e caribenha.

Medellín, é o primeiro passo para o *aggiornamento* latino-americano. Ele ocorre, pela iluminação do Vaticano II, mas também, devido a influência de seus organizadores a luz do Pacto das Catacumbas, a participação dos leigos nessa conferência, além da histórica unidade com membros de outras igrejas cristãs, era propostas do Pacto, que foram postas em práticas nesse primeiro momento. Medellín, deixava claro a tentativa da vida fraterna entre todos os povos. É nesse clima de fraternidade, que dividem os debates em três grupos: 1) *Evangelização*; 2) *promoção humana*; e 3) *Igreja visível e suas estruturas*.

Obviamente, que devido as questões problemáticas latino-americanas, a promoção humana, foi o grupo que possuiu o maior holofote. É nesse momento, em meio as discussões que passa a surgir a terminologia da “liberdade”, seja ela de justiça, da opressão, e do pecado. A partir disso, passam a trabalhar as questões que envolveriam o pobre, seria uma tentativa de aproximar a Igreja do povo pobre daquele pastoreio. É nesse contexto que Medellín suscita um documento sobre a *Pobreza*, onde trabalha a miséria, mas também a pobreza que é assumida como missão de vida, isto é, ver o Cristo no pobre. Surge aí, as bases da conhecida opção preferencial pelos pobres, onde combatendo e denunciando a pobreza, a miséria e a fome, assumiriam para si o exemplo de vida do próprio Cristo, essa opção é feita sob a releitura de textos dos livros sagrados para os cristãos.

É importante citar, que esse termo não aparece nos documentos de Medellín, ele surge a partir dos documentos da conferência. Esta conferência, dá uma nova roupagem a Igreja na América, a tornando mais popular, e talvez mais próxima do povo, é um encontro um tanto quanto ousado, que apesar de ser “o primeiro passo dos resultados oriundos do Concílio Vaticano II, seria talvez o Vaticano II da América Latina”(GUEDES, 2014), Medellín debate temas que outrora não estavam em questão na cúpula da Igreja, esta conferência segundo Michel Lowy (2010)

“não só denunciava as estruturas existentes, acusando-as de terem como base a injustiça, a violação dos direitos fundamentais da população e a violência institucionalizada, mas também afirmavam a solidariedade da Igreja com a aspiração do povo à libertação de toda servidão” (LOWY, 2010).

É nesse contexto, que surge a Teologia da Libertação, uma filosofia de vida e ação religiosa, com uma reflexão da perspectiva do pobre, e também baseado na narrativa da práxis, esta por sua vez, é a relação entre o pensamento e a ação, é uma marca de diversos movimentos, inclusive do Marxismo. Esta Teologia, começou a ser ensaiada muitos anos antes, quando dando atenção a práxis, representantes da Igreja Romana, realizam diversos encontros para discutir ambivalências entre a fé e o Evangelho, com a justiça e ação social. Um exemplo desses representantes é o Gustavo Gutierrez, em seu livro *Teologia da Libertação: Perspectivas*, trabalha todo o esboço do que seria essa nova teologia.

É importante citar que para além das contribuições religiosas, havia em toda América um sentimento de que a libertação era necessária, devido ao apogeu de regimes totalitários na América, e também as questões de injustiças sociais. Medellín contribui para a TL, no seguinte, é na conferência em Medellín, que a Igreja discute e critica a situação daquela sociedade, como já explanado previamente, e essa crítica se dá a partir da situação dos pobres, onde segundo eles essa realidade é resultado de uma série de injustiças e desigualdades.

A teologia latino-americana da libertação, nasce das conclusões do Concílio Vaticano II, e a partir dos resultados de Medellín, onde por exemplo afirmam que não poderiam ficar distante do povo, enquanto os mesmos passam por uma pobreza extrema e dolorosa, ainda assim, a Teologia da Libertação, nasce também com a participação de leigos, que na opção pelos pobres viam uma forma de sobreviver aquela realidade cruel. Após a firmação da TL, e a adoção de vários estudiosos, como Leonardo Boff, Codovis Boff, Gustavo Gutierrez e tantos outros, ela se espalha pelo continente e se afeiçoa a partir da realidade de cada povo, seja no tocante a questão do negro, indígena, e até mesmo da libertação da Mulher, dessa forma podemos ver que a Teologia da Libertação se ramificava em várias vertentes, inclusive isso sendo usado por setores conservadores para deslegitimar sua atuação.

No Brasil, a TL vai estar diretamente ligada a questões sociais, a luta populares e camponesas, como afirma Libânio (2000):

Os aspectos de dominação e de religiosidade popular são comuns aos outros países, mas esta presença significativa da Igreja nos movimentos populares através das CEBs e a abertura da hierarquia diante dessas lutas populares constituem um traço relevante da TdL no Brasil. (LIBÂNIO, 2000. p, 265)

A Teologia da Libertação é profundamente criticada pela ala conservadora e tradicionalista da Igreja Romana, sobretudo porque acreditam ser a TL uma implantação do Marxismo, e assim frequentemente demonizam, como anteriormente já foi feito, a aproximação da TL com alguns parâmetros marxistas, mas como analisa Michael Lowy (2016), o marxismo foi escolhido devido a pobreza extrema da população latino-americana, e esta concepção parecia a mais lógica para além de explicar o que ocorria, combater veementemente essas injustiças. Ainda assim, Lowy analisa que,

O Vaticano acusa os teólogos da libertação de terem substituído os pobres da tradição cristã pelo proletariado marxista. Essa crítica é inexata. Para os teólogos da libertação, “os pobres” é um conceito que tem conotações morais, bíblicas e religiosas. O próprio Deus é definido por eles como o “Deus dos Pobres” e Cristo se reencarna nos pobres crucificados dos dias atuais. (LOWY, 2016. p, 131).

Essa escolha pelo pobre, é firmada pela própria igreja na conferência de Puebla, que é realizada em 1979. É preciso dizer que a igreja entre Medellín e Puebla, ver a América Latina ter aquela situação inicial muito agravada, isto é, os regimes autoritários permaneciam, e com eles, a fome, miséria e extrema pobreza por todos os lados. Nesse sentido, diversas são os membros da Igreja Romana, que vão se colocar ao lado das reivindicações sociais. Além disso, a Igreja na América Latina, passa por uma espécie de crise interna, dividida entre conservadores e progressistas a igreja tem farpas a todo momento, sobretudo firmada na acusação a Teologia da Libertação de ser marxista, e, portanto, proibida pela própria Igreja oficial.

Puebla, tem sua abertura pelo próprio Papa João Paulo II. É dividida em mais de 20 comissões, que seguem um método de ver, julgar e por fim agir em todas as situações que envolvam a Igreja. O documento de Puebla fica pronto, e após ser aprovado pelo Papa, é publicado e ganha mais notoriedade, inclusive que o Documento de Medellín. Puebla propõe uma nova análise da realidade latino-americana, tendo como base as relações libertadoras, em cinco partes.

A primeira foi pensar um método pastoral para a teologia, e esta por sua vez, seria comprometida com a realidade do local. Em um segundo momento, as análises de como evangelizar aquele povo, a partir da *práxis*, isto é, passar a vida de Jesus, em uma ação libertadora. A religiosidade popular, é também uma parte do documento,

mais uma vez tendo o pobre como modelo, o povo pobre, que realiza sua devoção com sua simplicidade; a Evangelização deveria sempre indicar para liberdade, com uma vida de exemplos e um compromisso fixo com a ação. E por fim, as opções preferenciais que Puebla realiza, onde destacamos a opção pelos pobres, isto é, a igreja faria tudo a partir do pobre, inclusive lutaria para tira-lo desta situação.

3.2 O Padre Donato e a Igreja dos Pobres

Esta igreja mais voltada para o pobre, que tem como fundamento a oração e a ação, encanta uma série de sacerdotes e bispos por diversas partes, “esse tipo de Igreja supõe aquilo que se cristalizou em Puebla: uma opção preferencial pelos pobres” (BOFF, 1982. p, 26), um desses sacerdotes, é o Donato Rizzi, nascido em Castellana Grotte, no sul da Itália em 1943, por ser um contexto de Guerra, Donato passou a sua infância sofrendo as marcas desse período, sobretudo as marcas do fascismo de Mussolini. Devido à situação difícil em que viveu o pequeno Donato foi acometido de doenças em diversas situações.

Como um costume da época, os meninos muito cedo iam para o seminário, Donato Rizzi ingressou aos 10 anos de idade, onde fez os anos necessários para finalmente, em 1958 ingressar no seminário maior, onde faria o curso de Teologia e Filosofia. Encerrou sua jornada de preparação em 1965, e foi ordenado em julho de 1966, a celebração foi presidida pelo então papa Paulo VI, que havia deixado claro que muitos daqueles jovens, seriam enviados para a América Latina, talvez por já conhecer a realidade explanada pelo pacto feito meses antes.

A América latina inteira, passava por uma certa escassez de padres, por esse motivo era recorrente a vinda de estrangeiros para fazer esse serviço. Pe. Donato recebeu a visita do bispo de Campina Grande, Dom Manuel Pereira da Costa, que relatando a situação da diocese, fez o pedido para que pudessem vir auxiliar o povo daquele bispado. Pe. Donato chega ao Brasil em 1967, e em 1968 passa a conviver com a região do curimataú na cidade Barra de Santa Rosa, na época capela pertencente a Paróquia de Cuité. Só em 1969, foi nomeado pároco da Paroquia de Nossa Senhora das Mercês, em Cuité, começaria ali uma jornada de mais de 20 anos, naquele local.

Pe. Rizzi, chega ao Brasil em um momento de grande tensão política, o governo instaurado anos antes, estava agora se tornando um marco de censura, torturas e mortes, inclusive de religiosos, como analisa Scott Mainwaring (1989) em seu livro *Igreja Católica e a política no Brasil (1916 – 1985)*, no qual o autor traz à tona diversos casos de padres presos, torturados e até mortos pelo regime Militar. Sendo assim, diversos padres e bispos passam ao lado das lutas sociais e políticas, inclusive pelo fim da Ditadura Militar.

O Padre Donato desde os seus primeiros momentos, torna clara sua posição política a favor dos mais necessitados e pobres daquele lugar, um claro exemplo disso, é a formação de um grupo de jovens que ele criou, para debater assuntos políticos e sociais, além de assuntos litúrgicos. Esse grupo, que chamaremos aqui de *Juventude do Padre Donato*, semanalmente se reuniam com o padre para esse momento de partilha e estudo sobre a situação política do país.

Eu conheci esse grupo (..) e fiquei curiosa para participar, fui me inserindo e a minha entrada no grupo, me aproximou de pe. Donato, de uma forma que ele foi meu orientador para tudo que penso até hoje, em termos de conhecimento de mundo, história, política, tudo através dele. Era um grupo que a gente rezava, mas também ele contribuía para que a gente tivesse um pensamento crítico. (Participante 3)

Dessa forma, o grupo se instala como um momento de vivência religiosa, que influencia diretamente no pensamento político daqueles jovens, além disso, este grupo realizava uma série de momentos além das discussões, por exemplo, questões culturais, como teatro, música, peças de dança, era uma forte ferramenta de fraternidade entre os jovens, obviamente que também era uma oportunidade de diversão, tendo em vista as poucas opções fornecidas na cidade de Cuité. Este grupo se estende por todo tempo que o padre esteve em Cuité.

A leitura era parte fixa de conversas e discussões com o Pe. Rizzi, sobretudo aos mais próximos, que por vezes tiveram livros recomendados e analisados em conversas com o padre. Ao perguntar aos entrevistados a lembrança sobre o teor dos livros, geralmente citavam livros sobre a Teologia da Libertação, além de leituras inclusive marxistas. Sem dúvidas, o mais citado de todos foi *Brasil nunca mais*, uma obra de Dom Paulo Evaristo Arns, lançado em 1985, já nos momentos finais daquele regime, onde faz um estudo sobre as torturas sofridas naquele momento.

Nesse período, ele passava uns livros pra gente ler, lembro de “Brasil nunca mais”. Mas muitos outros livros, que não lembro agora, a gente lia e nos outros encontros a gente discutia. Naquela época, ele tinha assinatura de uma revista chamada “Mundo Jovem”, ela tinha muitos artigos que falava sobre política e religião de forma crítica. E geralmente nas rodas de conversa os textos dessa revista eram trabalhados. Sempre tinha um texto para cada encontro. (Participante 3)

As palavras oração e ação, estavam sempre presentes no vocabulário do Pe. Donato, a ideia comungada na TL a partir da Práxis de entender que o que vale no findar de tudo, é ação desenvolvida para melhor atender a população. O Padre então, tem um olhar especial para os pobres daquela localidade, além de uma contribuição muito forte na luta a favor dos trabalhadores do campo. Para isso, com a ajuda da juventude, desenvolvia ações públicas nas periferias da cidade de Cuité. O trabalho social do padre é outra marca de sua vivência na cidade, doação de alimentos, remédios, além de sua importante luta contra a falta de distribuição de água, são lembranças ainda muito forte, de quem viveu aquele momento.

Assim que o padre chega em Cuité, conhecendo a realidade do povo daquele município, passa a notar e ouvir os clamores sobre a falta de água, sobretudo devido a uma seca muito forte, conhecida como “a seca de 70”, onde muitas pessoas sofriam diariamente a falta de água. Dessa forma, o padre passa a buscar soluções para esta deficiência. Diversas cisternas, que são reservatórios de água, foram construídas nesse momento na zona rural pelo padre. Para suprir a necessidade da zona urbana, ele realiza mutirões, que constroem uma grande cisterna ao lado da Igreja Matriz, esta serviria para toda cidade, como relata uma contemporânea de Pe. Rizzi, segundo ela, quem necessitava, teria acesso a água.

Eu ainda lembro do período que foi feito uma campanha, muito grande na igreja para comprar muito cimento, para fazer cisterna, que seu interesse era que ela fosse para a comunidade (...) uma cisterna enorme, na época diziam que eram 10 caminhões de água. (Participante 4)

Apesar de sua boa aceitação em toda cidade, o padre Donato não foi um padre apático para as necessidades de seu povo, e por esse motivo estava sempre em contato e em vivência com os mais necessitados. Cobrou dos líderes políticos atitudes que favorecessem o povo mais pobre, inclusive fazendo uma oposição à Ditadura Militar até nos sermões, obviamente que não o fazia de uma maneira aberta,

mas pelas entrelinhas, falava em suas reflexões sobre a situação do povo, em meio aquele regime.

Outro modelo seguido pelo padre Donato aos exemplos da Teologia da Libertação, é avaliar o Cristo na figura do pobre. Na memória de quem o ouviu sempre fazia alusões a situação do povo pobre com o próprio Cristo, fazendo assim também críticas ao regime militar. Segundo relatos de pessoas mais próximas, as críticas que ele realizava era ainda mais duras, mais contundentes.

Ele era mais aberto, eu via isso com uma certa abertura de crítica ao regime, ao fechamento do regime, a censura (...) sobretudo em conversas mais privadas. Mas também em homilias dele, realçar a situação do sofrimento das pessoas, da injustiça social, de chamar atenção pra isso, isso era uma tônica nas homilias dele. (Participante 5).

Apaixonado por leituras, o padre Donato se inseria na cultura brasileira a partir das leituras que fazia. Na residência paroquial, o padre guardava uma grande estante de livros, dos mais variados temas, desde religiosos a políticos. Ligado a tudo que acontecia na Igreja naquele momento, o padre tinha em seu acervo livros lançados sobre a Teologia da libertação e diversos documentos da Igreja. Em concordância com o Pacto e com a TL, pe. Rizzi se limitava a utilizar roupas mais simples, apenas túnicas e a estola própria de padres católicos.

Além de seu trabalho social, de ajuda aos mais necessitados, o Padre Donato desenvolve ainda um papel como professor, em uma das escolas do município, a escola Orlando Venâncio dos Santos, nesta escola o Pe. Rizzi, leciona Sociologia, onde juntando suas leituras críticas com a proposta da disciplina, influenciou ainda a subjetividade dos estudantes.

Quando foi implantando do ensino de 2º grau, tinha Sociologia (...) isso em 1977, e ele aceitou (...) ele abriu a cabeça de muita gente com suas aulas de Sociologia, ele sempre foi muito direto. (Participante 1.)

Como educador, questionava a liberdade do regime e a forma como os cidadãos eram tratados. O Padre tinha uma facilidade com a forma de falar nas entrelinhas, diversos dos contribuintes para esta pesquisa, relataram que em suas homilias, isto é, as reflexões na celebração, ele falava de forma didática, problematizando toda aquela situação do Brasil.

Um fato que merece destaque, é que no ano de 1978, um grupo de jovens estudantes da Escola Orlando Venâncio, conhecida popularmente por *estadual*, realizava frequentemente a produção de um jornal, nomeado de *O Estopim*, este jornal contava com assuntos da cidade, fofocas, informações e, obviamente, questões políticas. O Jornal tinha todo o seu processo realizado por estudantes, mas havia a contribuição de outros cuitenses, a exemplo de conterrâneos ausentes que contribuíam para a produção do jornal.

Em 1978, um jornal é publicado com um artigo intitulado de *Brasil: 14 anos depois*, de autoria do estudante universitário Aécio Candido, este artigo, falava sobre a situação do Brasil, 14 anos depois do golpe civil-militar. Acontece que este jornal é denunciado, e traz a Polícia Federal até Cuité, que por sua vez, apreende o diretor da escola, na tentativa de chegar até os estudantes formuladores do jornal. O padre Donato, ainda professor, participa de toda negociação, na tentativa de acalmar os ânimos, e livrar os seus alunos das garras dos algozes militares. Após o ocorrido, e não havendo nenhum estudante injustamente punido, o professor padre tenta tranquiliza-los, era necessário ter a bravura de resistir e seguir adiante.

Por falar em resistência, o Padre Donato foi um grande influenciador da criação de sindicatos por toda região do Curimataú. Em Cuité, foi uma peça fundamental para o Sindicato dos Agricultores de Cuité. Como já tratado anteriormente, muitos membros da Teologia da Libertação, contribuíram para a criação desses sindicatos e partidos políticos. O padre, usou de todos os meios possíveis para implantar em seus fiéis que eram agricultores, a necessidade de lutar pelos direitos do trabalho, chegando inclusive a usar da tribuna religiosa para isso. Diversos são os relatos dessa participação do padre, onde “tem o engajamento de Padre Donato real com o sindicato, ele deu um apoio imenso ao sindicato de agricultores, e era muito destemido.” (participante 5).

A luta dele, era exatamente com os trabalhadores, ele sempre procurou ajudar o povo necessitado, (...) eu lembro muito bem das práticas dele dentro da questão religiosa, que ele falava do Evangelho, mas também falava das coisas que estavam acontecendo, por exemplo a desvalorização do agricultor e de trabalhadores no geral. (Participante 5)

A influência de Padre Donato Rizzi, fez com que muitos dos jovens se engajassem em partidos e em sindicatos, defendendo as lutas políticas e sociais,

como o exemplo já citado na introdução deste Capítulo. Ele foi um educador em todos os momentos, padre Donato que vive a sombra da Teologia da Libertação, faz como seu último movimento como pároco de Cuité, lembrar que a missão de Cristo e daquela forma de fazer a Igreja, era auxiliar os pobres, sobretudo entendendo que a oração se concretiza na ação.

Poucos anos depois da minha chegada nesta Paroquia, iniciamos, uma caminhada de Renovação, seguindo as pistas de Medellín e da Diocese de Campina Grande, a partir de uma maior aproximação do povo com a palavra de Deus (...) se os mais ricos das duas cidades tem de fato se afastado (...) para estas pessoas renovo o apelo que Jesus Cristo fez a muita gente: “Vem comigo”, aprende a servir-me no irmão mais necessitado (RIZZI, 1969. p, 119)¹⁵

Podemos notar pelas palavras do padre que a influência das conferências episcopais que dão base para a conhecida opção preferencial pelos pobres, é um parâmetro de sua vida religiosa. Padre Donato tem na Teologia da Libertação seu modelo de vida, obviamente que também tinha em sua mente as marcas de sua infância, pobre e sofrida naquele contexto totalitário, que o faz ter a sensibilidade para os novos paradigmas da Igreja Romana.

O Padre que tem imensa importância na subjetividade do povo de Cuité, devido aos mais de 20 anos de convivência aplicando as normas do pacto, da Teologia da Libertação, e sobretudo, entendendo e difundindo que opção pelos pobres surge como próprio Cristo, que se fez pobre. Durante um bom tempo de sua estadia em Cuité, padre Donato tinha a enorme influência de Dom Luís Gonzaga, então bispo da diocese de Campina Grande, Dom Luís foi padre conciliar, esteve presente no Pacto das Catacumbas, e desenvolveu na diocese um trabalho semelhante ao padre Donato, o que dava certamente ao padre um impulso para continuar o seu trabalho.

Ainda assim, a memória dos entrevistados, que também é uma memória dos cuitenses que conviveram com o padre Donato, é uma lembrança de grande afeto e carinho. Pe. Rizzi, que esteve mais de vinte anos nessa região, influenciou, e suas ideias e pensamentos continuam a influenciar aqueles jovens, que por sua vez influenciaram outros jovens, a luz da igreja do lado dos pobres, marginalizados, aqueles que, a Teologia da Libertação afirma ser os próximos do Cristo. Ao encerrar

¹⁵ Trecho retirado do Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora das Mercês em Cuité

seu pastoreio, fez um pedido aos seus amigos e fiéis, “fiquemos unidos, na oração e na ação” (RIZZI, 1969. p, 119).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa histórica, abordou as dualidades entre a fé e a política, usando como espaço a cidade de Cuité, no interior da Paraíba. Este trabalho foi feito a partir da caracterização de eventos e vivências, no período da Ditadura Militar no Brasil – 1964 – 1985, em dois momentos, o primeiro quando a Igreja Católica continua assumindo a sua posição de conservadora e mais voltada para a direita, no apoio quase que irrestrito ao Golpe Civil-Militar de 1964, a partir da realização das Marchas da Família com Deus pela Liberdade; e posteriormente na mudança de determinadas alas da Igreja, para se voltar ao lado social, a partir da Teologia da Libertação, com a conhecida “opção preferencial pelos pobres”.

Dessa forma, a pesquisa trabalhou esses temas a partir da memória de cuitenses que viveram este período, e se propuseram a abrir suas memórias, para contribuir com a construção da História. A memória da população de Cuité, representada pelo recorte que nos cabe, é de suma importância para o entendimento daquilo que nos chegou pelos sons. Duas fortes concepções, a da Igreja mais conservadora, que apoia o golpe de 64, e que combate veementemente o comunismo e suas pombas, estando ao lado dos mais ricos, e dos privilégios sociais; em um segundo momento, a memória da liberdade, da Igreja que se volta para os pobres na tentativa de promovê-la, e proporciona a Igreja uma mudança de paradigmas e visões.

Finalmente, seguindo todos esses parâmetros, as figuras de ambos lados dessa ambivalência, a partir de dois padres estrangeiros. O primeiro momento, analisamos a figura do Padre Boleslau Biernaski, um polonês, que é o pároco responsável para Paróquia de Cuité, no momento do Golpe de 64. Pe. Boleslau, com suas características tradicionais, apoia contundente o golpe militar, realiza inclusive, uma celebração em honra ao golpe. Em outro momento, o Padre Donato Rizzi, italiano, que chega a Cuité em 1968, portanto, no apogeu daquilo que entendemos por “linha dura”. Pe. Rizzi, adepto da Teologia da Libertação, faz sua atuação a sombra dos mais necessitados, ligado as conferências episcopais de Medellín e Puebla, Pe. Rizzi vive o outro lado da Igreja Romana, pobre e servidora.

Esse trabalho, não seria possível sem a discussão inicial, isto é, trabalhar as dualidades entre a memória e a História, e além disso, trabalhar suas dificuldades. É necessário entender que a memória não é a História, a lembrança é uma construção de um ponto de vista, quem nos relatou sobre as vivências com o Padre Boleslau, sua

forma de vida mais voltada para o apoio ao Golpe, bem como quem relata o Pe. Donato e sua caracterização voltada para o pobre, o faz de pontos de vista, isto é, a memória é passa por uma espécie de filtro, onde a visão do contribuinte, é feita a partir de uma série de fatores, sobretudo afetivos.

A memória também passa por outro processo em sua vivência, o esquecimento, aqui firmamos que se esquece por algum motivo, seja pelos passos do tempo, seja por um processo de querer esquecer. Se esquece por traumas, e por mudanças de pontos de vista, quem tem hoje, uma visão da realidade mais voltada para o conservadorismo, dificilmente relatará bem essa Igreja voltada para os pobres, de igual modo, o inverso. E nesse momento que o Historiador deve estar compromissado com a sua missão de vida, e sobretudo ao amor, depositado a esse “serviço”.

Talvez seja isso que faz a História Oral diferente, pois ela nos proporciona uma vivência da História a partir de relatos dos indivíduos do fato histórico. A Memória não é a História, mas contribui com ela. Essa relação de violência, é fundamental no processo historiográfico, pois nos permite chegar até o fato histórico, através dos sons, das vivências e de pontos de vista.

Dessa forma, as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que acontecem em todo o Brasil, foram o impulsionamento que os golpistas aguardavam, o governo militar não se sustentaria sem o apoio dos civis no seu momento inicial. O apoio de alas de uma das maiores instituições do país, e do mundo, era de igual modo de suma importância para suas tramas e planejamentos

Sendo assim, as duas manifestações realizadas em Cuité, envolve a dualidade que cabia ao momento político: de um lado, os políticos apoiadores do golpe e do posterior governo militar, representados através de uma das oligarquias do município, a família Pereira; e de outro, a Igreja Católica, que no seu histórico combate ao marxismo, influência os fiéis a se voltarem contra o comunismo, mesmo sem saber de que se trata. Assim, era necessário combater esse mal, de todos os lados e lugares, Cuité não seria diferente, retiram os estudantes do local de aprendizado, para participaram de um evento cívico e religioso.

A Igreja Católica, já nesse momento, passava por um processo de aggiornamento, a abertura para a modernidade se fazia cada vez mais necessária. Realiza de maneira surpreendente o Concílio Vaticano II, que mesmo em meio a

diversas mudanças e modernizações, desagradam alguns que o julgam europeizado, e por isso, realizam um Pacto por uma Igreja servidora e pobre, é nesse contexto que a América Latina e Caribenha realiza duas conferências, Medellín – onde realizam uma leitura ousada e inovadora do Vaticano II, levando em consideração a situação de autoritarismo e miséria que vivia a localidade – e Puebla – que é uma reafirmação de Medellín, onde ocorre a opção preferencial da Igreja Latina pelos pobres. Nesse decorrer, surge a Teologia da Libertação, que contribuiria na aplicação das mudanças que a Igreja necessitava, a partir da práxis.

Padre Donato, é um partidário da TL, vive seu pastoreio desde os momentos iniciais, ao lado dos pobres, daqueles marginalizados, que necessitavam de oração, mas sobretudo, de ação. Dessa forma, e entendendo as reivindicações mais necessárias, o padre realiza obras sociais, como construções de cisternas, doação de alimentos e medicamentos. Além disso, o Pe. Rizzi, reúne uma série de jovens, para ler, pensar e discutir assuntos políticos, e problematizar a realidade vivida pelo país naquele momento. Talvez o Padre Donato, tenha uma das maiores influências na subjetividade da geração cuitense que conviveu com ele, no aspecto político e religioso, esse pode ser um dos motivos pelo o qual, o Padre é reverenciado na cidade como um quase herói.

Essa História, que se encontra neste trabalho, é parte de um exercício de vida, de uma vida atravessada por essas linhas que hora escrevo. Todos nós, somos parte do nosso lugar de origem, talvez esse foi um dos motivos que me fez pesquisar a História do meu lugar. Revisitar essas memórias, de pessoas que fazem parte do convívio de uma pacata cidade, é viver a construção da História através delas. Esse trabalho, parte do amor, primeiro a História, e depois, a esta cidade que me atravessa.

REFERÊNCIAS

ADILSON FILHO, José **A cidade Atravessada**. Velhos e Novos cenários na política belojoardinese. Recife: Comunigraf, 2009

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gerar a História: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. In: Albuquerque JUNIOR, Durval Muniz de. **História, a arte de inventar o passado**. Bauru: Edusp, 2007, p. 199-211.

ADAUTO NETO, Guedes. **Teologia da Enxada e Ditadura Militar: Relações de poder e Fé no Agreste Pernambucano entre 1964 – 1985**. Jundiá, Paco Editorial: 2014.

AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. Revista História. São Paulo, 14, p. 125 – 136, 1995.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. **Brasil: Nunca Mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense: São Paulo, 1981.

BEOZZO, José. **Pacto das Catacumbas**: Por uma Igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015.

BOFF, Leonardo. **Teologia do cativo e da libertação**. 5ª edição editora: Vozes, Petrópolis, 1987.

BOFF, Leonardo. **Igreja**: Carisma e Poder. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. 10. ed. São Paulo: Vozes, 2011.

BRITO, Lucelmo Lacerda. **Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina**. Revista Espaço Acadêmico – nº 111 – agosto de 2010.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 331 – 364.

Constituição Sacrosanctum Concilium. In **Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição dogmática Lumen Gentium**. Petrópolis: Vozes, 1969.

Constituição dogmática Dei Verbum. Petrópolis: Vozes, 1969.

Constituição pastoral Gaudium et Spes. Petrópolis: Vozes, 1969.

CHESNAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado. Sobre história e os historiadores**. São Paulo, SP. Editora Ática. 1995. 200p.

DANTAS, Éder; NUNES, Paulo Giovanni Antonino; FREIRE, Rodrigo (org.). **Golpe civil-militar e ditadura na Paraíba**: história, memória e construção da cidadania. João Pessoa: Ed. dá UFPB, 2014. 344p.

FEREIRRA, Jaqueline. **Recepção e apropriação da teologia da libertação em Campina Grande-PB (1960-1980)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidade. Campina Grande, p. 188, 2017.

- FICO, Carlos. **O golpe de 1964: momentos decisivos**. 2014. Rio de Janeiro, FGV.
- GOVERNO DA PARAÍBA. **Relatório da Comissão Estadual da Verdade**. João Pessoa: A União Editora, 201.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação: perspectivas**. Trad. Jorge Soares. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
- HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.
- LIBÂNIO, João B. Igreja, povo que se liberta: III encontro intereclesial de comunidades de base. **Síntese**, v. 5. N. 14. P. 93- 110, março de 1978.
- LIBÂNIO, João Baptista. **Igreja Contemporânea: encontro com a modernidade**. São Paulo: Loyola, 2000.
- LOWY, Michael. **A Guerra dos Deuses: religião e política na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a Política no Brasil (1916 – 1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MOTTA, Márcia. História, memória e tempo presente. *In*: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. cap. 2, p. 21 - 36.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. [S.l: s.n.], 2014.
- PIO IX, Papa. **Encíclica Nostis et Nobiscum**: A condição da Igreja no Estado Pontifício (1849). *In*: IGREJA CATÓLICA. Documentos de Gregório XVI e de PIO IX (1846- 1878). Org. Geral Lourenço Costa. Trad. Darci L. Marin. São Paulo: Paulus, 1999. pp. 129- 151.
- PAPA PIO XI. **Divini Redemptoris**. Publicada pelo Vaticano em 1937. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19370319_divini-redemptoris.html. Acesso em: 07 jan 2023
- PAPA PIO XI. **Quadragesimo Anno**. Publicada pelo Vaticano em 1931. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html. Acesso em: 07 jan 2023.
- Portelli, A., Janine Ribeiro, T. M. T., & Ribeiro Fenelón, R. T. D. (2012). O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 14.

SILVA, Jomar Ricardo da. **A Igreja na pós-modernidade: CEBs, poder e cidadania** – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, José Alves da. Retrato do segundo movimento em prol da "intervenção" Militar, na cidade de Cuité-PB. 1964

SOBREIRA, Dmitri. **O ANTICOMUNISMO NO A IMPRENSA: IGREJA CATÓLICA E GOLPE CIVIL- MILITAR NA PARAÍBA (1962-1964)**. Orientador: PAULO GIOVANI ANTONINO NUNES. 2013. 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduado em Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p.39-62.

TEIXEIRA, Faustino. **Cristianismo e teologia da libertação**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

TOLEDO, Caio Ferreira de. **Visões do golpe**. Campinas: Unicamp, 1997.